

**O Caminho que o Texto faz na LeYa:
Uma viagem pelas edições gerais e escolares**

Adriane dos Santos Piscitelli

**Relatório de Estágio de
Mestrado em Edição de Texto**

Dezembro, 2013

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto realizado sob a orientação científica do
Professor Doutor Rui Zink.

O livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive, e não tendo ação em si mesmo, move os ânimos e causa grandes efeitos.

Padre António Vieira, *Sermão de Nossa Senhora de Penha de França*, § V, 1652.

AGRADECIMENTOS

Quando comecei a escrever estes agradecimentos, percebi por quantas pessoas importantes estou rodeada. Algumas não me ajudaram diretamente a concluir este mestrado, mas foram essenciais em muitos aspectos e se não tivessem cruzado meu caminho, talvez eu não estivesse em Portugal neste exato momento. Portanto, quero citar todos aqueles que contribuíram, de alguma maneira, para que a minha estadia fosse muito melhor do que poderia ter sido.

Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Rui Zink, não apenas pelo acompanhamento no estágio, pelas reuniões, dicas e advertências, mas também pelas aulas de Teoria da Edição, pela prontidão sempre em auxiliar, emprestar livros e pelos ensinamentos.

Aos professores que fizeram o meu mestrado muito mais estimulante e repleto de aprendizagens: Professor Doutor Fernando Cabral Martins, pelas aulas de Crítica Textual, e Professor Doutor João Luís Lisboa, pelas aulas de História do Livro.

Ao diretor-executivo Doutor Isaías Gomes Teixeira, que me deu a oportunidade do estágio na LeYa. À Doutora Cristina Ferreira, por me acolher na Texto. À Dr.^a Isabel Garcez, editora de voz doce, de uma sensibilidade enorme e que sempre esteve pronta para responder a todas as minhas questões, me ensinar e me ajudar no que fosse preciso.

À equipa da Texto, pelas respostas a todas as minhas infinitas perguntas sobre edição, Portugal, língua portuguesa, pelos cafés, bolos, almoços, conversas sobre receitas, livros, filmes, futebol, risadas, andorinhas e sardinha: Alexandre Maurício, Anabela Fevereiro, Joana Paes, João Branco, Laura Fonseca, Nuno Manoel, Nuno Martins, Olga Curopos, Olga Fontão e Rogério Oliveira. E à Laurene Oliveira, um presente que a LeYa me deu aos 45' do segundo tempo.

À minha família, pelas milhares de horas de Skype e FaceTime tentando diariamente encurtar quase 8 mil quilómetros de saudade. Obrigada pelo apoio infinito e pela família maravilhosa que somos.

Ao Hugo Quinta, pelo companheirismo, carinho, amor e preocupação.

À Juliana Queiroz, por toda a admiração que sinto por ela.

À Elisabete Nunes e Rute Pires, pelas baladas *rock'n'roll*, almoços deliciosos, frilas e amizade garantida.

À São José de Sousa, pelos muitos momentos de risadas, viagens, cursos, saídas, cervejas e desabafos.

À Cátia Almeida, por toda delicadeza que alguém pode ter.

À Cecília Santos, Andreia Ferreira e Suzette Caracitas, amigas que aumentaram meu amor por Portugal e que me fizeram voltar.

À Mônica Martinez, um anjinho que soprou Portugal nos meus ouvidos.

Às amigas Thais Rimkus, Paula Lima, Mariana Metidieri, Camila Saraiva, Silvana Salerno e Mell Brites, que me ensinaram muito sobre edição e amizade. E que mesmo nesses 18 meses do outro lado do Atlântico, estiveram muito presentes nas minhas saudades.

Às minhas amigas internacionais que me receberam com muito carinho em seus lares europeus: Virginia Urbano, Paula Fazzio, Ester Minga e Rita Carvalho.

RESUMO

Este relatório de estágio tem o objetivo de expor as atividades realizadas ao longo do período de três meses de trabalho no grupo LeYa, mais especificamente nas chancelas da Texto e da Caminho. Na Texto, a tarefa consistiu em participar de determinados projetos dos coordenadores editoriais escolares de Geografia e de Matemática. Na Caminho, apresentei uma proposta de divulgação editorial da autora portuguesa de infantojuvenil Alice Vieira ao mercado brasileiro para venda de direitos autorais e posteriormente uma adaptação de uma obra ao português do Brasil. Tanto nas edições escolares quanto nas edições gerais, o foco foi sempre nas tarefas de um editor.

PALAVRAS-CHAVE: edição de texto, LeYa, Texto, Caminho, edição escolar, edição geral

ABSTRACT

This internship report aims to present the activities carried out during the period of three months traineeship in LeYa group, specifically in the seals of Texto and Caminho. At Texto, the task was to be part of certain projects by school editorial coordinators in Geography and Mathematics. At Caminho, I proposed an editorial showcasing of the portuguese author Alice Vieira to the Brazilian market for the sale of copyrights and, subsequently, an adaptation of a book to the Brazilian Portuguese. In both scholarly editions as well as general issues, the focus was always on the tasks of an editor.

KEYWORDS: publishing, LeYa, books, editing

ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo I: LeYa.....	2
Capítulo II: Texto.....	3
II.1. Portal LeYa Educação	5
II.2. Metas curriculares.....	6
II.3. Projetos específicos	7
II.4. Fluxograma	8
Capítulo III: Caminho.....	10
III.1. Proposta editorial.....	11
III.2. Catálogo Alice Vieira.....	13
III.3. Apresentação a editoras brasileiras	15
III.4. Adaptação	17
Capítulo IV: Além da edição na LeYa.....	18
IV.1. Integração	18
IV.2. Apresentações e lançamentos	19
IV.3. LeYa Sempre.....	20
IV.4. Prêmio LeYa	20
IV.5. Seja LeYa	21
Conclusão.....	22
Referência Bibliográficas	25
Anexo A: Definição de projeto gráfico – Texto	i
Anexo B: Entrevista com Isabel Garcez, editora da Caminho	iii
Anexo C: Dados do PNBE 2013	xv
Anexo D: Meu projeto de apresentação Alice Vieira	xvi
Anexo E: Trechos originais e adaptados de <i>A Lua Não Está à Venda</i>	xxix

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo narrar a minha experiência de estágio curricular no grupo LeYa. Foram três meses de trabalho entre a Texto, marca de edições escolares da empresa, e a Caminho, uma das mais prestigiadas editoras de edições gerais de Portugal, tendo publicado nomes como José Saramago, Sophia de Mello Breyner Andresen, Mia Couto, Almeida Faria, Gonçalo M. Tavares e Ondjaki.

Apesar do curto tempo, durante o percurso tive a oportunidade de conviver e de trabalhar com pessoas importantes da cadeia editorial. Participei de reuniões, apresentações, conversas com autores, coordenadores, editores e diretores.

No primeiro capítulo, apresento brevemente a holding internacional, dizendo em que momento surgiu e quais foram as editoras compradas pelo grupo.

No segundo capítulo, exponho as atividades feitas com a Texto, como as tarefas mais específicas dentro dos projetos editoriais definidos, tais como pesquisa iconográfica e organização e pedido de desenho técnico em manuais escolares de Geografia e de Matemática, o que será descrito a seguir neste relatório. Além disso, faço um resumo do fluxo de trabalho dos coordenadores editoriais, desde a entrega dos originais até o momento da impressão do livro.

Num primeiro momento, o trabalho seria apenas com a marca escolar, porém elaborei um projeto editorial e, após apresentá-lo à Caminho e ser aceito, pude dividir as 400 horas de estágio entre as duas cancelas e os dois mercados completamente distintos. A experiência com a Caminho está descrita no terceiro capítulo deste trabalho. Além de selecionar publicações de uma série de livros da autora portuguesa de literatura infantojuvenil Alice Vieira, pude entrar em contacto com editoras brasileiras para tentar vender os direitos autorais das obras escolhidas. Também tive a oportunidade de adaptar um dos romances da autora, transformando a linguagem do português de Portugal para o português do Brasil.

Por fim, no último capítulo, «Além da edição na LeYa», apresento a estrutura da organização e o que a empresa faz aos funcionários e aos leitores além da edição dos livros.

Capítulo I: LeYa

Em 7 de janeiro de 2008 nasceu o grupo editorial português, conglomerado de 23 chancelas editoriais de edições gerais e edições escolares e de marcas educacionais, como a UnYLeYa, que é a educação e formação a distância, e a LeYa Educação, o novo portal educacional para alunos, professores, escolas e pais.

A LeYa está presente em Portugal, Angola, Brasil e Moçambique. São três instalações em Portugal, em Alfragide, que é a sede, em Serzedo, Vila Nova de Gaia, e em Montijo, que é o centro de operações logísticas.

O grupo possui oito livrarias próprias: LeYa no Rossio (Lisboa), LeYa na Buchholz (Lisboa), uma no concelho de Sintra e nas cidades de Alcochete, Aveiro, Porto, Viseu e Funchal. E mais três lojas em regime de parceria: LeYa na Barata (Lisboa), LeYa na Caminho (Santarém) e LeYa no Pátio das Letras (Faro). Além da livraria on-line LeYaOnline (www.leyaonline.com), que surgiu em 1995.

A missão da LeYa é a de ser um grupo editorial de referência no universo da língua portuguesa, para tanto possui como pilar as seguintes regras: editar o que o público quer ler, encorajar a criatividade editorial, acreditar e divulgar os autores de língua portuguesa, possuir um modelo de negócio de exposição dos livros no mercado da melhor maneira possível e manter-se atualizados quanto às novas tecnologias para a publicação dos livros escolares.

Segundo o Manual «Seja LeYa» da empresa, que cada funcionário recebe ao iniciar as atividades profissionais, a LeYa é «um grupo editorial que ‘com um I de braços abertos’ se abre à multiplicidade cultural da língua portuguesa».

Em Portugal, estão presentes as marcas: Academia do Livro, ASA, BIS, Caderno, Caminho, Casa das Letras, Dom Quixote, Estrela Polar, Gailivro, LeYa, Livros d’Hoje, Lua de Papel, Novagaia, Oficina do Livro, Quinta Essência, Sebenta, Teorema e Texto. Em Angola, há a Texto e a Nzila. No Brasil, além da marca LeYa, Lua de Papel e Quinta Essência, também houve a criação da Alumnus, Casa da Palavra e Fantasy. E em Moçambique, há a Texto e a Ndjira.

As edições gerais publicam infantojuvenil, literatura de Língua Portuguesa, ensaio, literatura fantástica, literatura traduzida, banda desenhada, lazer, autoajuda e poesia.

As edições escolares da LeYa são publicadas pelas marcas: ASA, Gailivro, Novagaia, Sebenta e Texto. A ASA trabalha, além da literatura infantil, com os manuais escolares do 2.º e 3.º ciclos e do ensino secundário. A Gailivro publica apenas os manuais do 1.º ciclo. A Novagaia trabalha com fundo de catálogo e literatura infantil. A Sebenta, assim como a ASA, com manuais escolares do 2.º e 3.º ciclos e do ensino secundário. E a Texto trabalha com manuais de todos os anos do ensino, sendo a mais representativa das edições escolares do grupo.

Além disso, em dezembro de 2012, a LeYa criou a Escrytos, plataforma de autopublicação digital que permite que um autor venda a sua obra sem passar por um editor. A LeYa disponibiliza isso gratuitamente a quem quiser ser publicado, no entanto, se o autor quiser uma série de outros serviços, deve contratá-los a parte, como parecer editorial, edição, revisão, booktrailer e divulgação de *press release*.

Capítulo II: Texto

Fundada em 1977, a Texto nasceu como uma editora de manuais escolares. Depois de nove anos ampliou seu catálogo para publicar também edições gerais, nas áreas de não ficção e de infantojuvenil. Em 2008, passou a pertencer ao grupo LeYa, tendo forte presença nos mercados africanos de Angola e Moçambique.

As suas especializações são os manuais escolares para todos os níveis do ensino (do pré-escolar ao secundário e para o ensino profissional); os livros de apoio escolar, tais como, dicionários, livros de preparação para exames, livros de revisão e análise de obras literárias recomendadas; os livros de apoio ao professor; os conteúdos digitais educativos, tais como, a Plataforma 20 – Nota Máxima e o Manual Escolar 2.0, que foram integrados no projeto LeYa Educação que será explicado a seguir; e as edições de literatura de conhecimento, que são não ficção.

Nos últimos anos, a editora reduziu o número de manuais escolares apresentados ao mercado para investir na qualidade de cada projeto individualmente,

dessa forma cada coordenador editorial poderá mobilizar mais esforços para as obras que estão sob sua responsabilidade, criando melhores manuais com a estratégia de ter as melhores soluções educativas para cada uma das disciplinas.

Por soluções educativas mais eficazes entenda-se melhores autores, melhores manuais escolares e melhores projetos. Mudando a forma como se fazem os manuais, são criados melhores pacotes em termos educacionais. São soluções especializadas e não genéricas. Esse é o diferencial que a editora deseja ter perante os seus concorrentes, que apostam cada vez mais em números de livros publicados. Diminuir o número de publicações e criar soluções mais desenvolvidas, pode alavancar mais adoções.

No último ano letivo, a Texto teve os manuais líderes em dez disciplinas, e apresentou apenas 24 projetos ao mercado, enquanto a Porto Editora apresentou o dobro de livros. A tática da empresa é diminuir em quantidade de publicações para aumentar a qualidade. Este ano letivo (2014-2015) serão apresentados catorze novos projetos, quatro paraescolares, mais seis reformulações de manuais previamente publicados, solicitadas pelo Ministério da Educação.

Na minha opinião, a estratégia pode, sim, ser muito eficaz tanto em termos mercadológicos quanto em termos educacionais. Os divulgadores vão ao mercado com menos livros para apresentar e podem estar mais atualizados dessa forma, entendendo melhor como cada um deve ser trabalhado, seu conteúdo e seus extras. Com isso, haverá mais qualidade. Isso porque, em termos educacionais pode haver mais diálogo com os professores e sobre o que eles necessitam nas aulas. Então, com dois projetos diferentes pedagogicamente de cada disciplina, a editora pode abranger o conteúdo requerido e com mais qualidade, mais minúcia a partir do trabalho dos coordenadores editoriais.

Na coordenação editorial da Texto, são onze coordenadores com *know-how* específicos, são licenciados em Ciência Política, Ciências Naturais, Filosofia, Física, Geografia, História, História da Arte, Inglês/Português, Música e dois licenciados em Matemática.

Neste ano letivo são os seguintes projetos que estão sendo concebidos: Ciências Físico-Químicas 8.º ano, dois livros de Ciências Naturais do 8.º ano, Economia 11.º ano, Filosofia 11.º ano, Francês 8.º e 11.º anos, Geografia 8.º e 11.º

anos, Geometria Descritiva 11.º ano, História 8.º e 11.º anos, Inglês 8.º e 11.º anos e os paraescolares Matemática 9.º, 10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade.

II.1. Portal LeYa Educação

Na minha segunda semana de estágio, no dia 16 de setembro, houve uma reunião de apresentação do lançamento de mais um produto da marca LeYa, foi a inauguração de um portal educacional, chamado LeYa Educação (www.leyaeducacao.com). É um espaço dedicado aos alunos, professores, escolas e pais para que haja um contacto personalizado e definido entre os envolvidos na educação e para promover uma maior aproximação da editora com seus leitores e utilizadores. Com isso, é estabelecido um vínculo que se estreita cada vez mais e é criada uma forte relação entre os alunos e a comunidade escolar.

Para cada projeto editorial concebido pelas marcas de edições escolares da LeYa haverá um equivalente no portal educacional. Cada manual escolar é tido como um projeto pedagógico único, um conjunto desenvolvido no impresso e no digital, que são os auxiliares de estudo dos alunos, professores, escolas e pais. A LeYa Educação oferece soluções digitais, formações e consultoria.

As soluções digitais são recursos oferecidos aos alunos e professores. Aos alunos são oferecidas tarefas extras, além das aulas e dos manuais, como vídeos, animações 3-D, jogos e músicas. Aos professores há métodos diversos para preparar melhor as aulas e as avaliações. Já as formações estão relacionadas a UnYLeYa que são soluções em *e-learning*, cursos a distância nas áreas de gestão, finanças, contabilidade, liderança, competências pessoais, escolar e literatura. Além disso, a LeYa criou o site www.20escola.com, uma espécie de moodle com formato de Facebook para os professores interagirem diretamente com seus alunos.

Na apresentação o que foi muito dito é que unificando o acesso aos alunos, professores, escola, pais e autarquias, será mais fácil descobrir quem são os usuários dos livros e quais são as suas demandas, auxiliando na melhora contínua do produto educacional. Ao se cadastrar no portal, a LeYa terá acesso ao número de utilizadores, saberá quando entrou, quantas vezes precisou utilizar, e, assim, conseguirá estar mais atenta ao conteúdo, com a ajuda de consultores, especialistas e pedagogos.

Esse portal é bastante semelhante aos *hotsites* feitos pelo Grupo Abril, uma das editoras líderes em manuais escolares no Brasil. Na Abril Educação, por exemplo, não existe um site que reúna todas as informações de todos os projetos editoriais como o LeYa Educação, existem apenas *hotsites* pontuais e estratégicos de determinados livros. Por isso, acho que a implementação desse sistema na LeYa, e a sua extensão para a LeYa Brasil com as edições escolares, pode ser um diferencial que aproxime o público leitor e a editora, o que é muito importante quando se trata de educação. Já que as mudanças estão sempre a ocorrer e a melhoria permanente é essencial.

II.2. Metas curriculares

Entrei na Texto no processo de conceção dos manuais escolares que serão adotados no ano letivo de 2014-2015 e que tiveram suas metas curriculares divulgadas pelo governo em 2013.

Para tanto, haverá uma certificação prévia dos manuais escolares para as disciplinas de Inglês e Geografia de 8.º ano entre 15 de novembro de 2013 e 28 de fevereiro de 2014. A partir de 15 de novembro os manuais poderão ser entregues às entidades avaliadoras definidas pelo Ministério da Educação e Ciência e até 28 de fevereiro os relatórios finais deverão ser entregues para a Direção-Geral da Educação.

Em relação aos manuais já adotados, haverá certificação para as disciplinas de Português 2.º, 6.º e 8.º anos, Matemática 2.º, 4.º, 6.º e 8.º anos, Geografia 7.º ano, Inglês 7.º ano, tudo isso entre os dias 16 de dezembro de 2013 e 30 de maio de 2014.

O prazo de adoção dos manuais escolares em 2014 será entre 19 de maio de 2014 e 13 de junho de 2014.

Todos os anos o governo de Portugal define metas curriculares que, segundo descrito em seu site, «organiza e facilita o ensino, pois fornece uma visão o mais objetiva possível daquilo que se pretende alcançar, permite que os professores se concentrem no que é essencial e ajuda a delinear as melhores estratégias de ensino»¹.

¹ <http://www.dge.mec.pt/metascurriculares/?s=directorio&pid=1#metas>. Acesso em: 18.nov.2013.

II.3. Projetos específicos

Na Texto, selecionei a iconografia nos bancos de imagens usados pela editora (Dreamstime e Thinkstock) para os coordenadores editoriais de Geografia e de Matemática. E também organizei a relação de desenhos técnicos (DTs) nas mesmas áreas. Em Geografia, os desenhos técnicos num manual escolar são os mapas; em Matemática, os gráficos, as figuras, as retas, as áreas etc. Após levantamento do número de DTs num projeto é feito o pedido ao departamento de paginação da empresa.

Os livros trabalhados de Geografia foram: *Mapa-Mundo 8.º ano*, de Arinda Rodrigues; *Geografia A 11.º ano*, de Arinda Rodrigues, Isabel Barraca e Joana Moreira. Na Feira de Frankfurt deste ano, o projeto do 7.º ano dessa mesma coleção e da mesma autora, *Mapa-Mundo 7.º ano*, ganhou o prémio «Best European Schoolbook Awards 2013» (Prémio de Melhor Livro Escolar Europeu de 2013).

Os livros de Matemática foram: *Preparar o Exame Nacional Matemática 9.º ano*, de Ana Maria Gonçalves, Fernanda Barros, Maria Luísa Januário e coordenação de Vera Lúcia Oliveira; *Preparar o Exame Nacional Matemática 12.º ano*, de Roberto Oliveira; *Matemática 6.º ano*, volumes 1 e 2, de Elsa Gouveia Durão e Maria Margarida Baldaque. Além disso, os originais de *Matemática 6.º ano* chegaram das autoras escritos à mão, então tive o trabalho de digitar os manuscritos antes de encaminhar ao departamento de paginação.

No livro *Educação Visual 3.º ciclo*, de Francisco Carlos Rodrigues, Isabel Susana Sousa e Rui Castro Lobo, cotejei uma edição mais atualizada com a última edição publicada para saber se havia alguma mudança de texto ou de títulos devido à nova paginação. Além disso, fiz a revisão segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Em dezembro de 2008, a Texto publicou a 13.ª edição do livro *Aprender a Estudar*, de António Estanqueiro, no entanto, o projeto gráfico foi inteiramente modificado em comparação à 12.ª edição, de 2007. Este ano, a Texto entrou em contacto com o autor para saber se ele desejava incluir alguma informação nova no livro para a 14.ª edição. O autor fez diversas anotações, pois havia erros de paginação, como títulos ao pé da página, espaçamentos não uniformizados, subtítulos e textos repetidos, todas mudanças que foram inseridas na 13.ª edição que não estavam na

12.^a. O meu trabalho, então, foi verificar e comparar as duas edições e depois disso fazer uma nova leitura para pegar alguma eventual gralha que tenha sobrado, além de fazer a revisão do novo Acordo Ortográfico. Com esse projeto, tive reuniões com o autor para discussão do novo projeto gráfico, de fontes que ele gostaria de modificar ou de alterar o corpo, de questões gramaticais etc. Acompanhei todas as emendas feitas até o fechamento do livro, ao todo foram três provas, sempre a conversar com o autor para aguardar pela sua aprovação.

Finalmente, no livro *Preparar o Exame Nacional Economia A 11º ano*, de Maria João Pais, Maria da Luz Oliveira, Maria Manuela Góis, Belmiro Gil Cabrito, reuni num só volume as alterações pedidas por duas autoras para mandar para a paginação fazer as emendas. Além de fazer o pedido de novos desenhos técnicos, tais como gráficos, mapas, tabelas e áreas. Depois disso, conferi se todas as mudanças solicitadas foram feitas pela paginação para depois enviar aos autores.

II.4. Fluxograma

O Gabinete de Estudos e Projetos (GEP) é um departamento das edições escolares da LeYa que desenvolve e concebe todos os projetos que serão publicados. Eles selecionam e contactam com os autores, idealizam o projeto, a partir do auxílio de consultores pedagógicos, elaboram o projeto gráfico, em suma, trabalham tanto com o conteúdo quanto com o grafismo.

Após a conceção do projeto pelo GEP, o próximo passo é passar para as mãos da coordenação editorial, que produzirá o livro. Os coordenadores recebem do GEP todos os materiais do processo, tais como, as características físicas e a estrutura interna dos livros, como número de páginas e formato, divisão de unidades, capítulos e temas; a análise e os materiais da concorrência; a data de entrega dos originais a partir dos autores; os contactos dos autores, consultores, ilustradores etc.; e o orçamento de cada projeto.

Depois do recebimento dos originais, é necessário verificar se o projeto está de acordo com o que foi previamente acertado com o GEP. Os coordenadores devem ler os originais, confirmar se a estrutura se mantém, como o número de páginas, se certificar da qualidade do conteúdo, quanto à adequação da linguagem e do programa a seguir,

das fontes e dos grafismos, se assegurar da necessidade de pedidos de autorização de textos e imagens.

Diferente do que ocorre com os projetos de livros didáticos no Brasil, na Texto os autores mandam seus originais pré-paginados, eles escrevem o material nas exatas páginas em que foi combinado com o GEP. No anexo deste trabalho inseri dois exemplos de originais enviados pelos autores e logo depois o resultado da paginação (ver Anexo A). Em alguns casos, a pré-paginação funciona muito bem, os autores acertam na medida, mas há algumas exceções que em que o texto precisa ser modificado para se adequar ao projeto gráfico. No Brasil, nos livros didáticos que trabalhei para a LeYa não existia a pré-paginação, os autores enviavam o texto sem um acordo prévio de tamanho, pois o número de páginas era definido posteriormente. Com essa prática aqui de Portugal, a organização está sempre presente. Os orçamentos podem ser mais próximos do real, tanto se for contratar a paginação externa, que cobra por página, quanto pelo preço da gráfica, que pode ser definido muito antes do envio do material.

Sempre às terças e sextas-feiras de todas as semanas, os diretores de arte têm reuniões o dia todo com os coordenadores editoriais para definição de projeto gráfico, grafismos, cores, fontes e capa. Há sugestões de ambas as partes, todos colaboram para que o projeto saia dentro do que a editora e os autores pretendem.

Em seguida, os coordenadores enviam os originais recebidos dos autores aos consultores técnicos de cada área para que a obra passe novamente por um controle de qualidade do material.

Ao voltar o original ao coordenador, este deve enviar à paginação para a 1.^a prova com as alterações feitas e com todas as marcações e códigos iconográficos definidos internamente. No caso de ilustração deve aparecer «IL» mais o número da ilustração, se for fotografia, «F», e sendo desenho técnico, «DT». Dessa forma, não haverá dúvidas ao paginador os elementos que cada página contém. É possível ver um exemplo disso no Anexo A.

Durante a revisão, os itens que devem ser conferidos são: a numeração das páginas, as cabeças de todas as páginas, a aplicação das cores em cada tema/capítulo, a legendagem e a numeração de todas as figuras, a numeração de todos os exercícios e soluções, as remissões para páginas de dentro do livro, as remissões para outros

materiais do projeto, a numeração das faixas de áudio nos livros em que houver áudio e, por fim, o índice.

Todos os manuais escolares, cadernos de atividades e apoio ao professor devem ter um ficheiro com o planeamento da produção. Todos envolvidos no projeto devem saber como está o ponto de situação de cada livro, se estiver com a revisão, se estiver com o consultor, com o autor, se estiver com a paginação etc.

Os autores devem revisar o livro ao menos duas vezes, em duas provas, idealmente depois da revisão do coordenador. Os consultores devem ver a 2.^a prova para verificar as inserções das sugestões feitas no original. Depois das revisões em papel e das provas enviadas à paginação, chegará ao coordenador o pdf, que serve como uma prova final. Nessa altura não é permitido fazer revisões de texto ou grafismos, esse pdf serve apenas para verificar as emendas inseridas na última prova, confirmar a montagem das páginas e as cores. Em seguida chegará a ozalide que deve ser conferida e aprovada.

Além disso, o coordenador também tem as funções de: auxiliar na análise da concorrência, envolver-se na definição, apreciação e aprovação do projeto gráfico e da capa, garantir que seus projetos permaneçam dentro do orçamento determinado, participar junto da direção de marketing na elaboração e promoção de materiais relacionados aos seus projetos, atualizar ficheiros de pontos de situação diariamente para que possa ser consultado pela direção e, por fim, a cada semana devem indicar quantas horas gastaram e como destinaram as horas nos seus projetos, de acordo com as atividades feitas.

Capítulo III: Caminho

A Caminho foi fundada em 1975 como Editorial Caminho e prosperou publicando autores portugueses contemporâneos de grande renome, tais como Afonso Cruz, Alice Vieira, Alves Redol, Ana Maria Magalhães, Ferreira Gullar, Gonçalo M. Tavares, Isabel Alçada, José Saramago, Maria Judite de Carvalho, Mário de Carvalho, Moacyr Scliar, Sophia de Mello Breyner Andresen, entre outros consagrados. As áreas de publicação são: arte, ciências, conhecimento e desenvolvimento pessoal,

dicionários e enciclopédias, gramática e vocabulário, história e política, infantojuvenil, literatura e turismo.

III.1. Proposta editorial

Depois de algumas semanas de trabalho na Texto, pensei que não poderia deixar de lado o fato de estar trabalhando numa grande holding portuguesa que abriga algumas das maiores editoras de edições gerais de Portugal. Eu não queria perder a oportunidade de estar a apenas um andar de diferença de editores renomados do mercado e de aprender com eles. Conversei com a editora de infantojuvenil da Caminho, Isabel Garcez, e apresentei um projeto que pudesse ser útil tanto para a editora quanto agradável para mim. Ao final do estágio fiz uma pequena entrevista com ela que coloquei no Anexo B deste trabalho.

A ideia surgiu depois de na minha primeira semana na LeYa passar pela biblioteca que se encontra no rés do chão do edifício. Todos os funcionários podem requisitar um livro e podem ficar com ele quanto tempo quiser. Peguei emprestado *Meia Hora Para Mudar a Minha Vida*, último romance infantojuvenil de Alice Vieira. Logo em seguida peguei para ler na Biblioteca Municipal o romance de estreia de Alice Vieira, *Rosa, Minha Irmã Rosa*, de 1979. A partir desse momento pensei em como uma autora com tantos romances publicados em Portugal, muitos deles adotados pelo Plano Nacional de Leitura e traduzidos para tantas línguas, como alemão, basco, búlgaro, castelhano, catalão, chinês, esloveno, francês, galego, grego, húngaro, inglês, italiano, holandês, russo, sérvio, sueco e turco, não fossem publicados à altura em terras brasileiras. Pesquisei e descobri apenas dois livros editados no Brasil pela editora SM, *Os Olhos de Ana Marta* e *Contos e Lendas de Macau*, mas ainda assim não possuem tanta relevância quanto poderiam ter no mercado do infantojuvenil brasileiro, pois não têm tão boa divulgação.

Num primeiro momento, pensei imediatamente no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), um programa governamental brasileiro criado em 1997 que tem por objetivo selecionar, adquirir e distribuir obras de literatura infantil e infantojuvenil, brasileiras e estrangeiras, a professores e alunos das escolas públicas de todo o país.

Todos os anos o governo brasileiro lança editais de convocação para realizar a seleção de obras que são adotadas em sala de aula. Os livros devem seguir uma série de regras previstas pelos editais. São diversos géneros literários que podem concorrer, assim como, obras clássicas da literatura universal, poema, conto, crónica, novela, teatro, textos da tradição popular, romance, memória, diário, biografia, relatos de experiências, livros de imagens e banda desenhada. Todas aquelas obras que são inscritas passam por uma rigorosa avaliação, que controla o perfil pedagógico de cada uma. A seleção é bastante rígida, há uma lista publicada no edital que possui 28 itens que apontam quais seriam os erros passíveis de exclusão do concurso numa triagem inicial. Isso feito, depois de cerca de um ano de análise de profissionais da área, professores e pesquisadores, sob a coordenação da Secretaria de Educação Básica, do Ministério da Educação brasileiro, sairá a lista dos livros aprovados que serão comprados pelo governo para distribuição nas escolas públicas.

A minha sugestão para a Caminho foi, então, selecionar os romances de Alice Vieira que seriam adequados ao mercado brasileiro, apresentá-los a editoras que tivessem uma proposta editorial semelhante a da Caminho para a venda de direitos autorais. Posteriormente, eu faria uma adaptação do português de Portugal ao português do Brasil. E mais tarde, depois de publicados no Brasil, as obras poderiam concorrer à participação do programa PNBE, cabendo às editoras brasileiras inscreverem os livros para seleção governamental.

Isabel Garcez gostou muito da ideia, principalmente depois de ter visto os resultados de compra governamental através do programa. O PNBE 2013 beneficiou 86.794 escolas do Ensino Fundamental (6.º ao 9.º ano), o equivalente ao Ensino Básico em Portugal e exatamente o público-alvo de Alice Vieira. Os número de alunos atendidos somente nesses anos citados foi de mais de 12 milhões, e o número de livros distribuídos a esses mesmos anos da educação foi de mais de 5 milhões. O investimento em reais foi de aproximadamente R\$57 milhões, o que equivale a cerca de €19 milhões. Em 2013, o PNBE selecionou 180 obras de 92 editoras apenas do Ensino Fundamental. Mais dados estão no anexo deste trabalho (ver Anexo C). O Ensino Médio é o equivalente ao Ensino Secundário em Portugal.

A intenção inicial seria de que o livro permanecesse com as ilustrações da capa de Bernardo Carvalho, para manter a identidade com o original em português.

Seria uma mais-valia ao livro, então o valor de venda também dependeria disso, pois seria um pacote completo, inclusive com a adaptação pré-aprovada pela autora.

III.2. Catálogo Alice Vieira

Depois de concordar com o projeto, Isabel providenciou 23 romances da coleção «Obras de Alice Vieira», publicados pela Caminho, para eu começar a minha leitura e seleção. Os romances eram:

- *Rosa, Minha Irmã Rosa*;
- *Lote 12, 2.º Frente*;
- *Chocolate à Chuva*;
- *A Espada do Rei Afonso*;
- *Este Rei que Eu Escolhi*;
- *Graças e Desgraças da Corte de El-Rei Tadinho*;
- *Paulina ao Piano*;
- *Viagem à Roda do Meu Nome*;
- *Flor de Mel*;
- *Águas de Verão*;
- *Úrsula, a Maior*;
- *Às Dez a Porta Fecha*;
- *A Lua Não Está à Venda*;
- *Leandro, Rei da Helíria*;
- *Promontório da Lua*;
- *Caderno de Agosto*;
- *Se Perguntarem por Mim Digam que Voei*;
- *Um Fio de Fumo nos Confins do Mar*;
- *Trisavó de Pistola à Cinta e Outras Histórias*;
- *Vinte Cinco a Sete Vozes*;
- *O Casamento da Minha Mãe*;
- *A Vida nas Palavras de Inês Tavares*;
- *Meia Hora Para Mudar a Minha Vida*.

Apesar de Alice Vieira já ter publicado cerca de setenta livros nas editoras Caminho, Casa das Letras, Dom Quixote, Lua de Papel, Oficina do Livro e Texto,

todas pertencentes ao grupo LeYa, a seleção se deu apenas entre os livros citados da Caminho, excluindo o livro *Os Olhos de Ana Marta*, que, conforme mencionado anteriormente, era o único que já estava publicado no Brasil.

Após fazer uma leitura total de muitos deles e uma leitura diagonal de outros, devido ao curto tempo, selecionei quatro romances: *A Lua Não Está à Venda*, *Viagem à Roda do Meu Nome*, *Promontório da Lua* e *A Vida nas Palavras de Inês Tavares*. O critério de seleção foi o da narração e o da ambientação. Escolhi aqueles em que os narradores se diferem uns dos outros para mostrar a pluralidade de escrita de Alice Vieira.

Em *A Lua Não Está à Venda* é um narrador onisciente e onipresente que acompanha o cotidiano de todas as histórias passadas ao redor do café Lua Cheia, em Lisboa. Além disso, há uma situação paralela em que ocorre um teste de História, a narração desse trecho é toda em itálico, sempre antes do início de cada capítulo.

Em *Viagem à Roda do Meu Nome*, o livro é narrado por Abílio, um menino de aproximadamente 10 anos de idade, que não gosta do seu nome e decide mudá-lo para Luís. Nessa obra, há também uma narração com o itálico como marca gráfica que demonstra fazer parte de outra ambientação na narrativa, e que depois percebemos que é do próprio Abílio, porém já com uma nova identidade.

Em *Promontório da Lua*, o livro é narrado por uma palmeira com oito séculos de vida, que presenciou muitas histórias debaixo de suas folhas, desde Afonso Henriques combinando a conquista de Lisboa com os cruzados até histórias do século XX. Em 1939, ela foi cortada para dar lugar a uma estrada que ia ser construída em Cascais, mas que hoje tem o nome de Rua da Palmeira.

Em *A Vida nas Palavras de Inês Tavares*, o livro é narrado por Inês Tavares, uma adolescente de 13 anos de idade que ganha de Natal um diário da avó em vez de um iPod. Então, pode-se dizer que a narração desse livro se assemelha as narrativas da trilogia *Rosa*, *Lote* e *Chocolate*, porque é uma menina com as questões do seu tempo, suas histórias, alegrias e angústias, como a escola, as melhores amigas, os rapazes, as festas etc.

III.3. Apresentação a editoras brasileiras

Fiz uma apresentação (ver Anexo D) com a sinopse de todos os livros de Alice Vieira mencionados neste relatório, não apenas com aqueles selecionados. Pensei que outros não poderiam ficar de fora, caso alguma editora se interessasse por eles. Então, em primeiro lugar, eu mandei essa apresentação com as sinopses, uma minibiografia da autora e destaquei o fato de que no ano que vem ela fará 35 anos de carreira literária. Também coloquei dois artigos da imprensa. Depois do retorno das editoras, eu enviaria o pdf dos quatro títulos escolhidos.

Recebi de Isabel Garcez dois dossiês com recortes da imprensa desde 1979. Havia cartas feitas pela Caminho em alemão para divulgação da obra dela para a Alemanha, trechos de jornais com notas sobre os lançamentos, críticas literárias, entrevistas e textos da própria Alice. Selecionei apenas dois para não prolongar a apresentação e excluí aqueles em que eram muito datados, inclusive com as capas antigas das obras, não as mais atuais feitas pelo ilustrador Bernardo Carvalho.

Em primeiro lugar, entrei em contacto com a Companhia das Letras, editora brasileira que comprou muitos direitos da Caminho, como José Saramago, Mia Couto, Gonçalo M. Tavares, Ondjaki, entre outros. Há uma semelhança na linha editorial, publicação de boa literatura e de bons autores infantojuvenis. A resposta da Companhia das Letras ficou pendente, isto porque a editora que analisa as obras a serem publicadas saiu de férias exatamente depois do contacto estabelecido e voltará depois do término do estágio.

Em seguida, contactei a Cosac Naify, editora eleita este ano como a melhor editora infantojuvenil da América Latina na Feira de Bolonha com o Bologna Prize for Best Children's Publishers of the Year 2013. Apesar da euforia inicial em ter novamente o contacto da Caminho, a diretora editorial Isabel Coelho respondeu que não conseguirá seguir em frente com algum projeto de Alice Vieira, autora de que gosta muito. Isso porque os esforços estavam direcionados a outra escritora portuguesa e por quem eles desejariam focar toda a atenção.

Depois enviei a apresentação à Editora Globo, que detém os direitos de toda a obra infantojuvenil de Monteiro Lobato, parte da obra de Ziraldo, e que recentemente editou o premiado *A Mocinha do Mercado Central*, de Stella Maris Rezende, vencedor do Prémio Jabuti em 2012 como Livro do Ano de Ficção. A editora da

Globo respondeu ao e-mail e logo fez a associação da autora Stella Maris com Alice Vieira. Eles deram a resposta, dizendo que se interessaram por *Rosa, Minha Irmã Rosa* e por *Flor de Mel*, no entanto, só um tempo depois é que foi descoberto, através do departamento de direitos autorais da LeYa, que os dois já estavam sendo negociados com outra editora brasileira, inclusive o *Flor de Mel* estava em fase de adaptação. Como o departamento de direitos e o departamento editorial não são o mesmo, pensei que o erro de comunicação surgiu desse facto, porque se eu soubesse desses dados com antecedência, não teria apresentado às editoras dando uma possibilidade nula de escolha. Gerou um certo desconforto dizer que, afinal, aqueles dois não podiam mais participar da seleção.

Talvez para a Editora Globo possa ter parecido desorganização interna. Ainda assim, enfatizei a respeito dos exemplares vendidos em Portugal do *A Lua Não Está à Venda*, que é um dos títulos de Alice Vieira com maior número de vendas, assim como *Viagem à Roda do Meu Nome*. Além disso, citei que os livros representativos da obra dela são os três primeiros, mas sem a possibilidade do *Rosa, Minha Irmã Rosa*, então recomendaria *Chocolate à Chuva*. A resposta foi, então, que eles analisariam as obras sugeridas e que se tivessem interesse, voltariam a escrever.

Ainda tentei mais duas editoras que não responderam ao primeiro e-mail de contacto que são: Editora Peirópolis e Editora Pulo do Gato. A primeira tem bastante aceitação dos autores portugueses, eles publicam os livros da editora Planeta Tangerina e tinham, até ao início deste ano, uma consultora editorial pesquisadora do Clepul (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias) da Universidade de Lisboa. A segunda publica muitos livros infantojuvenis traduzidos de outros países e tem livros adotados nos programas do governo brasileiro PNBE.

Isso feito, Isabel Garcez ficou encarregada das respostas posteriores ao término do meu estágio, mas acredito que um trabalho foi iniciado e que pode render bons frutos a longo prazo, apresentações foram feitas e contactos foram trocados, o que são bons passos para iniciar qualquer projeto editorial.

III.4. Adaptação

Após a apresentação às editoras, comecei a trabalhar com o romance *A Lua Não Está à Venda*. Uma adaptação deve ser bastante cautelosa, primeiro por se tratar de uma obra literária, depois pela própria resistência dos autores em mudar o que já foi escrito e publicado. Ao mesmo tempo, a adaptação é importante nesse caso principalmente por se tratar de um livro infantojuvenil, tendo em vista que é uma obra portuguesa com uma linguagem de difícil acesso ao público infantil brasileiro. É necessário haver certos ajustes para se adequar ao público que se destina.

A minha adaptação se deu não apenas no âmbito lexical, mas teve de haver mudanças também na gramática e na ortografia, assim como em expressões típicas portuguesas. O que eu pensei ao adaptar, por exemplo, «bafio» por «mofo», foi que se hipoteticamente em inglês houver três palavras para definir «mofo», o tradutor do inglês poderá escolher aquela que é mais comum, mais corrente na língua. O mesmo ocorre se houver, novamente uma hipótese, apenas uma palavra para designar «mofo» em inglês entre as três possíveis em português, tanto «mofo», quanto «bafio», quanto «ranço», poderão ser traduzidas para «mold». Isso também acontece quando há mais de uma palavra para designar «neve» entre esquimós e apenas uma em português, a nossa tradução seria a mesma, sempre «neve».

Todas as mudanças que eu sugeri para o português do Brasil também poderiam ser feitas em outras línguas, isso porque cada língua possui um número de palavras, nem sempre são iguais às nossas. A palavra «saudades» é um exemplo disso, que existe apenas na língua portuguesa. As expressões típicas portuguesas podem ser traduzidas para o equivalente em determinada língua, assim como traduzimos a expressão idiomática inglesa «put yourself into the shoes of another person» para «coloque-se na pele/lugar de outra pessoa» e nunca para «coloque-se nos sapatos de outra pessoa».

Há equivalentes nas línguas e é importante que saibamos que isso também existe entre Portugal e Brasil, assim como «ter lata», em Portugal, e «ter cara de pau», no Brasil; «fazer a tropa», em Portugal, e «servir ao Exército», no Brasil; «tirar nabos da púcara», em Portugal, e «jogar verde para colher maduro», no Brasil; entre outras. Alterei questões lexicais, como «bocadinho» por «pouquinho»; «tarda» por «demora» etc. Troquei o uso da 2.^a pessoa do singular para o uso da 3.^a pessoa do singular. Além

disso, coloquei o gerúndio em vez da forma «estar a», conjugação perifrástica no desenrolar da ação, que não é nada comum no Brasil.

Acredito que colocar um glossário até poderia ser uma das soluções possíveis para as questões lexicais, no entanto, num livro infantojuvenil para crianças e adolescentes entre 9 e 15 anos de idade poderia ser um desperdício, um fator que atravancaria a leitura de uma obra de ficção. Não acho que agregaria deixar no miolo do livro «rapariga» e ao final explicar que é uma «menina» ou «moça», ao mesmo tempo, se a substituição for feita por uma palavra mais usual no Brasil, o livro não perderá qualidade por isso. A motivação em fazer essa adaptação ao mercado brasileiro surgiu com a junção de todos esses fatores mencionados.

No Anexo E coloquei oito páginas de exemplo da adaptação ao português do Brasil feita no romance *A Lua Não Está à Venda*. Separei em duas colunas, colocando o original e o adaptado com as alterações em destaque.

Capítulo IV: Além da edição na LeYa

Os três meses de convivência com coordenadores, paginadores, editores, autores e diretores foram uma rica experiência tanto em termos profissionais quanto pessoais. Conheci muitas pessoas das mais diversas áreas e que possuem algo em comum que é o amor pelo que se faz e o amor pelos livros, que certa vez, como disse o bibliófilo brasileiro José Mindlin, «o vírus do amor ao livro é incurável».

De um lado a seriedade de estrutura de empresa multinacional da LeYa, do outro o acolhimento das pessoas, e tudo isso conjugado me fez perceber que com um projeto interessante em mãos e pessoas distintas capazes de efetivá-lo só pode resultar bem. Então, neste capítulo falo um pouco mais da empresa como um todo e das novidades que acontecem lá dentro e menos dos pormenores da edição.

IV.1. Integração

No primeiro dia de trabalho, fiz uma integração promovida pela Direção de Recursos Humanos e Organização junto com mais dois estagiários também recém-

chegados. Eles faziam parte do departamento de multimídia e o estágio deles seria profissional, diferente do meu curricular.

Valter, do departamento de RH, apresentou a holding através do manual «Seja LeYa», uma espécie de código interno da empresa de direitos e deveres dos funcionários.

O manual apresenta o grupo, todas as chancelas, a sua missão e o propósito no mercado editorial, o organograma geral simplificado, descreve os locais onde estão os edifícios da LeYa, e também todos os benefícios que os empregados têm, tais como: um restaurante no edifício com menu a preço fixo, uma biblioteca onde livros podem ser requisitados, um espaço desportivo para a prática de futebol ou ténis, descontos na aquisição de livros nas livrarias da LeYa ou no site LeYaOnline, descontos nos cursos da UnYLeYa, seguro de saúde, exames e consultas na admissão e periodicamente, e também há um médico disponível para atender qualquer emergência ou marcar qualquer consulta externa.

Os deveres do funcionário são: registar corretamente nos e-mails o nome da empresa e a assinatura eletrónica, a forma como devem ser usados os nomes das chancelas, respeitar as condições de trabalho presentes no contrato assinado com o funcionário, os horários de trabalho e a regularidade.

IV.2. Apresentações e lançamentos

Entre os meses de setembro, outubro e novembro do estágio foram 31 e-mails recebidos pela comunicação interna sobre as apresentações de livros do grupo LeYa. A chancela com o maior número de lançamentos foi a Caminho, com nove apresentações de livros como *Assim, Mas Sem Ser Assim*, de Afonso Cruz; *Uma Escuridão Bonita*, de Ondjaki; e *Atlas do Corpo e da Imaginação*, de Gonçalo M. Tavares. Participei de duas apresentações, um do livro infantojuvenil do Afonso Cruz e outro do livro *Contos das Mil e Uma Noites*, de Alice Vieira e ilustrações de Carla Nazareth, da Oficina do Livro.

No entanto, o número de livros lançados ao mercado de todas as marcas editoriais contando com reedições e reimpressões, são bem maiores. Em setembro, 65 livros foram trabalhados pelos divulgadores. Em outubro, 49. E em novembro, 55.

IV.3. LeYa Sempre

Todas as sextas-feiras no fim do expediente, é enviado a todos os funcionários um *clipping* com as notícias mais relevantes da semana de todas as chancelas do grupo. Há também uma lista dos livros do grupo mais vendidos da semana nas principais livrarias de Lisboa. Os «tops da semana» são divididos por Fnac geral, Fnac kids, Bertrand ficção, Bertrand infantil, Bulhosa ficção, Bulhosa não ficção, Bulhosa infantil, El Corte Inglés, Continente, Auchan, Auchan infantil, Pingo Doce e LeYa e parceiras.

Há, ainda, as seções «Os livros da semana», com os livros que saíram para as livrarias durante a semana; «Agenda», com os próximos eventos que irão acontecer; e «Parabéns», com os aniversariantes da semana.

Na minha opinião, esse recorte de acontecimentos na imprensa e no mercado editorial que o departamento de comunicação da LeYa disponibiliza aos seus funcionários é uma forma bastante produtiva de deixá-los sempre informados das novidades de sua própria empresa. O papel da comunicação interna na LeYa é bem cumprido nesse sentido, eles não só fazem com que as pessoas fiquem por dentro dos acontecimentos, como também, estimulam que os trabalhos sejam bem feitos. Além disso, por vezes, oferecem ingressos de cinema, descontos em peças de teatro, participações em provas de atletismo, portanto promovem a cultura e a boa convivência de maneira geral.

IV.4. Prémio LeYa

No dia 14 de outubro, todos da LeYa receberam um e-mail do departamento de comunicação, informando que o júri do Prémio LeYa 2013 estava naquele momento reunido no edifício sede e que no próximo dia às 11h30 seria divulgada a decisão sobre o vencedor deste ano. Sem saber se era um convite ou não, hesitei na ida da tal sala em que todos iriam anunciar o ganhador do prémio, mas, ao ver o nome do jornalista brasileiro e biógrafo de Vinicius de Moraes entre o júri, optei por dar uma passada no local. É claro que todos poderiam ir para a sala de formação do piso 0, então resolvi participar.

O júri foi composto por membros internacionais, como o escritor angolano Pepetela, o escritor brasileiro José Castello, o académico moçambicano do Instituto

Superior Politécnico e Universitário de Maputo Lourenço do Rosário, e a professora da Universidade de São Paulo Rita Chaves. As nacionalidades representam os países de língua portuguesa e também onde a LeYa está presente.

Pela primeira vez uma mulher venceu o prémio, Gabriela Trindade, com o romance *Uma Outra Voz*, disputado com outros 490. Comparável em valores ao Prémio Camões, o Prémio Leya paga €100 mil ao ganhador, além da publicação do livro. O mais importante prémio literário do Brasil, o Prémio Jabuti, paga R\$3.500, o que equivale hoje em dia a pouco mais de €1.000.

Perguntei à editora da Caminho Isabel Garcez como é feita a escolha. Ela disse que todos os editores do grupo fazem uma triagem desses 491 e apenas sete romances vão para as mãos do júri.

IV.5. Seja LeYa

Tive a chance de também presenciar a mudança da intranet, a rede de acesso exclusiva dentro da empresa. No dia 15 de novembro houve a mudança de layout do site e de informações aos funcionários. O acesso ficou mais fácil na busca de dados, de pessoas, por departamento, país, local, extensão e e-mail. Houve também a combinação de todo o universo da LeYa, compartilhando informações de Portugal, Angola, Brasil e Moçambique.

A partir desse dia, então, passou a ser possível a qualquer empregado da LeYa nessas partes do mundo aceder a notícias, lançamentos, e-mails, telefones de todas as outras unidades da empresa, áreas de atividade e anúncios, em que os funcionários podem anunciar compras, vendas, ofertas e parcerias.

Com isso, acabei descobrindo que a LeYa no Brasil está presente com escritórios na Bahia, em Pernambuco, no Rio de Janeiro e em São Paulo, além de ter comerciais educacionais no Amazonas, em Brasília, no Espírito Santo, em Fortaleza, em Goiás, em Minas Gerais, no Pará, no Paraná, no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e em Sergipe. No total são 482 funcionários em Portugal. No Brasil são 219 somente em São Paulo, em Angola são 25 e são 37 em Moçambique.

CONCLUSÃO

Um fator importante no estágio foi o de tentar perceber os aspetos diferentes das edições escolares e das edições gerais. Apesar do curto tempo, pude compreender o funcionamento de dois tipos diferentes de publicações. Uma mais imediata, objetiva e com planeamentos mais definidos, como é a produção de um livro escolar. E outra bem mais subjetiva e sem planeamentos a longo prazo, com prudência e quase sempre sem conseguir adivinhar algumas questões mercadológicas.

Quanto à Texto, percebi que organização e pré-planeamento são fundamentais para o bom funcionamento das edições escolares. A existência de departamentos como o Gabinete de Estudos e Projetos (GEP) é importante para dar início aos projetos de maneira adequada e bem preparada. Numa editora menor, com menos pessoas, a função do GEP se diluiria entre todos da equipa. O projeto pedagógico e o contacto com o autor poderia ser elaborado pelo próprio editor.

Então, a vantagem de uma grande editora, nesse caso, é poder contar com áreas segmentadas em que cada funcionário ou cada grupo de funcionários dedica-se especialmente a apenas um objeto ou função, com isso, é possível haver uma melhoria na qualidade do produto final. As desvantagens são ocorrer erros de comunicação por falhas no decorrer do caminho, já que, como são muitos departamentos, muitas pessoas envolvidas, em algum momento do processo a informação pode se perder.

No geral, as editoras de grande porte de livros escolares tendem a ser bem-sucedidas em relação às publicações, pois contam com grandes equipas, muitos divulgadores, possuem grande cota do mercado por saber expor bem os livros. Um dos fatores negativos nesse meio é o *lobby* entre o governo e as editoras, no caso do Brasil, e entre as escolas e as editoras, no caso de Portugal, isso prejudica não só as editoras menores como a educação de maneira geral, que se fragiliza em prol do dinheiro envolvido nessas grandes operações de compra de livros.

É importante concluir que o governo dita as metas, mas sem consultores e outros profissionais de excelência dificilmente os livros conseguem ser adotados. É preciso muita dedicação em relação ao conteúdo e aos extras que os professores desejam para dar em sala de aula, e também é necessário, numa fase posterior, um grande trabalho de divulgação, o que não acompanhei porque o período em que as

ações de marketing escolar ocorrem para apresentação dos manuais escolares é em abril, ao final das campanhas, pelos próprios coordenadores editoriais.

Sobre o pormenor da edição na Texto, é possível notar que cada editor, ou coordenador editorial, por assim dizer, organiza-se à sua maneira, mas os modos são igualmente eficazes.

Com a Caminho, o projeto não foi estudar a fundo o que acontece do início ao fim da produção dos livros de edições gerais. Mas tive a oportunidade de apresentar um projeto pensado para, quem sabe, render frutos a longo prazo entre os mercados português e brasileiro.

A escolha de cinco editoras surgiu num segundo momento. De início, e o que poderia ter sido feito se o estágio tivesse uma duração maior, a ideia seria oferecer os direitos da obra da autora Alice Vieira editora a editora, depois de cada resposta, positiva ou negativa, passaria para a segunda opção, terceira e assim por diante. O ideal seria focar numa só, sem atropelamentos e informações erradas ou desatualizadas, como o que ocorreu com a Editora Globo. Se o tempo fosse maior, não haveria motivo para isso.

Percebi que as fronteiras de Portugal e do Brasil não estão completamente abertas como normalmente se supõe imaginar. Senti certa resistência da parte da autora Alice Vieira em ver sua obra adaptada ao português do Brasil. Tanto é que poderíamos ter discutido o resultado da adaptação que apresentei, mas isso não ocorreu.

No entanto, se isso não for feito nos livros para crianças e adolescentes, a recusa do mercado tende a ser alta, justamente por muitas daquelas palavras e expressões não pertencerem ao universo do adolescente brasileiro. O oposto também seria verdade, se alguma editora oferecer um livro brasileiro infantojuvenil com as gírias e calões da época atual aos adolescentes portugueses. Ainda que o novo Acordo Ortográfico tente reduzir as diferenças na nossa comunicação, é necessário ainda certas mudanças, como as que proponho no livro *A Lua Não Está à Venda*.

Quanto à compra da Caminho pela LeYa, ao entrevistar a editora Isabel Garcez (ver Anexo B), pude notar pelas suas palavras, por tudo o que motiva as publicações da editora, que isso não se alterou na essência. Não é porque agora a Caminho pertence a um grande grupo editorial que suas ideologias e sua força motriz

se modificaram. A Caminho continua a «transformar um original que um editor considera que vai ajudar a mudar o mundo»², isso desde a sua formação inicial até aos dias de hoje.

Pertencer a um grande grupo editorial pode trazer vantagens, tanto para a Caminho quanto para as outras editoras compradas, que são os fatores explicados no capítulo «Além da edição na LeYa», que promovem a boa convivência entre os funcionários e a transparência em relação a alguns aspetos da empresa, como notícias em voga, posição dos livros no mercado, quantidade de lançamentos e apresentações, entre outros. No entanto, não podemos deixar de pensar em demissões que ocorreram e que, em tempos de crise, podem continuar a acontecer, com as fusões de empresas. Essa é uma das desvantagens dos grandes grupos.

² Frase da editora Isabel Garcez dita em entrevista a este relatório de estágio em novembro de 2013.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Durão, E. G. e Baldaque, M. M.** (2014). *Matemática 6.º ano* (2.ª ed.). Lisboa: Texto.
- Estanqueiro, A.** (2014). *Aprender a Estudar* (14.ª ed.). Lisboa: Texto.
- Gonçalves, A. M. et al.** (2014). *Preparar o Exame Nacional Matemática 9.º ano* (2.ª ed.). Lisboa: Texto.
- Oliveira, R.** (2014). *Preparar o Exame Nacional Matemática 12.º ano* (2.ª ed.). Lisboa: Texto.
- Pais, M. J. et al.** (2014). *Preparar o Exame Nacional Economia A 11.º ano* (3.ª ed.). Lisboa: Texto.
- Rodrigues, A.** (2014). *Mapa-Mundo 8.º ano* (1.ª ed.). Lisboa: Texto.
- Rodrigues, A. et al.** (2014). *Geografia A 11.º ano* (1.ª ed.). Lisboa: Texto.
- Rodrigues, F. C. et al.** (2014). *Educação Visual 3.º ciclo*. Lisboa: Texto.
- Vieira, A** (2007). *Rosa, Minha Irmã Rosa* (20.ª ed.). Lisboa: Caminho.
- _____ (2009). *Lote 12, 2.º Frente* (16.ª ed.). Lisboa: Caminho.
- _____ (2010). *Chocolate à Chuva* (17.ª ed.). Lisboa: Caminho.
- _____ (2010). *A Espada do Rei Afonso* (13.ª ed.). Lisboa: Caminho.
- _____ (2008). *Este Rei que Eu Escolhi* (13.ª ed.). Lisboa: Caminho.
- _____ (2008). *Graças e Desgraças da Corte de El-Rei Tadinho* (16.ª ed.). Lisboa: Caminho.
- _____ (1999). *Paulina ao Piano* (5.ª ed.). Lisboa: Caminho.
- _____ (2010). *Viagem à Roda do Meu Nome* (11.ª ed.). Lisboa: Caminho.
- _____ (2007). *Flor de Mel* (9.ª ed.). Lisboa: Caminho.
- _____ (2010). *Águas de Verão* (10.ª ed.). Lisboa: Caminho.
- _____ (2008). *Úrsula, a Maior* (8.ª ed.). Lisboa: Caminho.
- _____ (2009). *Às Dez a Porta Fechada* (7.ª ed.). Lisboa: Caminho.
- _____ (2010). *A Lua Não Está à Venda* (10.ª ed.). Lisboa: Caminho.

- _____ (2010). *Leandro, Rei da Helíria* (10.^a ed.). Lisboa: Caminho.
- _____ (2009). *Promontório da Lua* (6.^a ed.). Lisboa: Caminho.
- _____ (2006). *Caderno de Agosto* (4.^a ed.). Lisboa: Caminho.
- _____ (2010). *Se Perguntarem por Mim Digam que Voei* (7.^a ed.). Lisboa: Caminho.
- _____ (2010). *Um Fio de Fumo nos Confins do Mar* (3.^a ed.). Lisboa: Caminho.
- _____ (2010). *Trisavó de Pistola à Cinta e Outras Histórias* (5.^a ed.). Lisboa: Caminho.
- _____ (2008). *Vinte Cinco a Sete Vozes* (3.^a ed.). Lisboa: Caminho.
- _____ (2005). *O Casamento da Minha Mãe*. Lisboa: Caminho.
- _____ (2008). *A Vida nas Palavras de Inês Tavares*. Lisboa: Caminho.
- _____ (2010). *Meia Hora Para Mudar a Minha Vida*. Lisboa: Caminho.

Sites:

Caminho: www.caminho.leya.com

Dados metas curriculares: www.dge.mec.pt/metascurriculares/?s=directorio&pid=1#metas (Acesso em: 18.nov.2013).

Dados PNBE: www.fn-de.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-dados-estatisticos (Acesso em: 18.nov.2013)

Dados prémios literários: www.revistapessoa.com/wp-content/uploads/premios-literarios (Acesso em: 18.nov.2013).

LeYa: www.leya.com

Texto: www.texto.leya.com

Anexo A: Definição de projeto gráfico – Texto

Exemplo de original pré-paginado no Word. Livro de Ciências Naturais do 7.º ano:

À descoberta da Terra, de Carla Brinca, Paula Canha e Zélia Delgado.

O professor pode aproveitar para introduzir a rubrica Círculo de Ciência, na qual os alunos são estimulados a desenvolver investigações autónomas e originais, podendo ainda trabalhar com os conteúdos que trabalham nos módulos de investigação, não só os únicos responsáveis pela construção da ciência – algumas descobertas são feitas por pessoas das mais diversas idades e profissões.

64 CIÊNCIAS MÉDICAS

F102a

F102b

1. Um grupo de alunos da Escola Secundária de Arcos venceu um Concurso para Jovens Cientistas pela descoberta de propriedades medicinais de uma planta da sua região (Al). Da Escola Júlio Dinis (Ovar), um grupo de alunos foi premiado pela investigação «O vento liquefiche». Este trabalho teve início numa questão colocada por um dos alunos: «Por que razão não há liqueres nos pinheiros à volta da escola?» (8).

Esta é uma boa oportunidade para o professor introduzir as metodologias científicas. Para ser um cientista, não basta ser curioso, é também necessário. A ciência recorre a estratégias específicas para encontrar as respostas aos problemas. No Caderno de Apoio ao Professor (Cap. 6), encontram-se recursos para trabalhar esta temática com os alunos.

F102c

2. Desde cedo, na história da humanidade, existiu esta curiosidade que faz avançar a ciência e o conhecimento. O interesse pelos corpos celestes, por exemplo, está presente em vestígios do passado, desde a Pré-História, e deu origem à astronomia – ramo da ciência que estuda o Universo (figura 3).

F102d

3. Stonehenge, um monumento megalítico (monumento pré-histórico construído com grandes pedras) situado no Sul da Inglaterra, terá sido um observatório astronómico.

10

A discussão de ideias diferentes, por vezes até opostas, faz parte do processo de construção da ciência. Foi o que aconteceu em relação à posição da Terra no Universo. Durante muitos anos existiu uma forte disputa entre dois modelos: o geocêntrico e o heliocêntrico.

Modelo geocêntrico

O modelo geocêntrico defendia que a Terra estava fixa e se situava no centro do Universo; os outros planetas e o Sol giravam à volta da Terra. Este modelo foi apresentado por Ptolomeu, um estudioso de astronomia, numa obra escrita em 150 d.C. (figura 3).

F102e

4. Modelo geocêntrico, defendido por Cláudio Ptolomeu.

F102f

5. Modelo heliocêntrico, defendido por Nicolau Copérnico.

11

Mesmas informações e conteúdo já paginado, pdf final:

PROFESSOR

O professor pode salientar que os cientistas que trabalham nos institutos de investigação não só são responsáveis pela construção da ciência – algumas descobertas são feitas por pessoas das mais diversas idades e profissões, podendo ainda trabalhar com os conteúdos que trabalham nos módulos de investigação, não só os únicos responsáveis pela construção da ciência – algumas descobertas são feitas por pessoas das mais diversas idades e profissões.

Esta é uma boa oportunidade para o professor introduzir as metodologias científicas. Para ser um cientista, não basta ser curioso, é também necessário. A ciência recorre a estratégias específicas para encontrar as respostas aos problemas. No Caderno de Apoio ao Professor (Cap. 6), encontram-se recursos para trabalhar esta temática com os alunos.

Caderno de Apoio ao Professor

• Alguns exemplos científicos – pag. 38

ALUMNOS

• Matemática

• Física

• Química

• Biologia

• Ciências da Terra e do Ambiente

• Ciências da Saúde

• Ciências da Tecnologia

• Ciências da Comunicação

• Ciências da Arte e da Cultura

• Ciências da Economia

• Ciências da Sociologia

• Ciências da Psicologia

• Ciências da Filosofia

• Ciências da História

• Ciências da Geografia

• Ciências da Literatura

• Ciências da Música

• Ciências da Dança

• Ciências da Teatro

• Ciências da Cinema

• Ciências da Televisão

• Ciências da Internet

• Ciências da Multimédia

• Ciências da Linguagem

• Ciências da Comunicação

• Ciências da Arte e da Cultura

• Ciências da Economia

• Ciências da Sociologia

• Ciências da Psicologia

• Ciências da Filosofia

• Ciências da História

• Ciências da Geografia

• Ciências da Literatura

• Ciências da Música

• Ciências da Dança

• Ciências da Teatro

• Ciências da Cinema

• Ciências da Televisão

• Ciências da Internet

• Ciências da Multimédia

• Ciências da Linguagem

1. Stonehenge, um monumento megalítico (monumento pré-histórico construído com grandes pedras) situado no Sul da Inglaterra, terá sido um observatório astronómico.

1.1 Ciência, produto da atividade humana

A ciência nasce da curiosidade humana. Os cientistas são pessoas que fazem perguntas e usam métodos científicos para encontrar respostas. Querem saber, por exemplo, como funciona o corpo humano, que formas assume a vida na Terra e conhecer o que existe fora dela, em todo o Universo.

Desde cedo, na história da humanidade, existiu esta curiosidade que faz avançar a ciência e o conhecimento. O interesse pelos corpos celestes, por exemplo, está presente em vestígios do passado, desde a Pré-História, e deu origem à astronomia – ramo da ciência que estuda o Universo (Fig. 1).

Na história de cada ser humano, a curiosidade também se manifesta desde cedo. Alguns jovens têm desenvolvido trabalhos científicos que permitem aumentar o conhecimento humano (Fig. 2 e 3).

2. Um grupo de alunos da Escola Secundária de Arcos venceu um concurso para jovens cientistas pela descoberta de propriedades medicinais de uma planta da sua região.

3. Na Escola Júlio Dinis (Ovar), um grupo de alunos foi premiado pelo projeto «O vento liquefiche». «Por que razão não há liqueres nos pinheiros à volta da escola?».

4. Modelo geocêntrico, defendido por Cláudio Ptolomeu.


O modelo geocêntrico defendia que a Terra estava fixa e se situava no centro do Universo; os outros planetas e o Sol giravam à volta da Terra. Este modelo foi apresentado por Ptolomeu, um estudioso de astronomia, numa obra escrita em 150 d.C. (Fig. 4).

Exemplo de original pré-paginado no Word. Livro de História do 7.º ano:

O fio da História, de Ana Rodrigues Oliveira, Francisco Cantanhede, Isabel Catarino, Marília Gago e Paula Torrrão.

O fio da História

No século V a.C., a pólis de Atenas destacou-se das restantes em termos económicos e políticos, pois foi aí que surgiu a democracia. Os Gregos deixaram à humanidade uma importante herança cultural, com destaque para a filosofia, o teatro, o desporto e a arte. Esta herança cultural influenciou, em muitos aspetos, a civilização romana.



1 - O Império romano no século II.

1 - Localiza dois territórios que pertenciam ao Império Romano, respetivamente, a norte, a sul, a este e a oeste de Roma.

2 - Refere por que razão os Romanos chamariam *Mare Nostrum* («o nosso mar») ao mar Mediterrâneo.

2 - Os Romanos são bandidos cuja presa é o mundo. Nem o Ocidente nem o Oriente os satisfizeram. (...) Roubar, massacrar, pilhar, eis o que na sua falsa linguagem os Romanos chamam civilizar. (...) Os nossos bens e rendimentos são consumidos pelos impostos. (...) Os nossos braços são usados a abrir florestas, sob o domínio do chicote.

Paráfrase de um chiste derrotado pelos Romanos, segundo Tácito, historiador romano do século I (cópia de João Aguiar, adaptado).

3 - [Roma] foi a única de entre todos os Estados, que recebeu no seu seio os povos conquistados e como uma mãe (e não como uma dominadora) fez abranger a raça humana num só nome, chamando os vencidos para seus cidadãos e unindo longínquas raças com os laços de amizade. (...) A ela devemos o sermos um só povo.

Cáudio Cláudio, poeta romano do século IV (adaptado).

1 - Qual é a opinião do autor do documento 2 sobre a forma como Roma agiu para com os povos vencidos? É a do autor do documento 3?

2 - Transcreve uma frase do documento 3 que contrarie a opinião do autor do documento 2.

3 - Na tua opinião, como explicas que os dois autores tenham pontos de vista tão diferentes?

O Mediterrâneo romano nos séculos I e II

O Império: áreas dominadas

A cidade de Roma nasceu no século VI a.C., junto ao rio Tibre, na península itálica. A partir do séc. V a.C., os habitantes de Roma (os Romanos) foram conquistando os povos vizinhos e, no final do século III a.C., dominavam já toda a península itálica. Contudo, o seu grande objetivo era dominar também o comércio no mar Mediterrâneo e, para isso, era necessário vencer os Cartagineses, povo que controlava as rotas do Mediterrâneo Ocidental. Em 146 a.C. após três violentas guerras, o exército romano destruiu Cartago, antiga colónia fenícia, localizada no Norte de África (atual Tunísia).

A partir daqui, o processo de expansão prosseguiu, tendo os Romanos conquistado todos os territórios à volta do mar Mediterrâneo. Este tornou-se, assim, num lago romano ou, como os próprios Romanos lhe chamavam, o *Mare Nostrum* («isto é, o nosso mar»).

A cidade de Roma tornou-se, nos séculos I e II, na capital de um dos mais extensos impérios da Antiguidade.

A integração dos povos dominados

À medida que a expansão ia avançando, os Romanos foram integrando no seu império os povos dominados, com origens, línguas e tradições diferentes. Este processo ficou a dever-se, principalmente:

- ao poderoso exército romano – após as conquistas, os militares permaneciam nesses territórios para garantir a paz (pax romana). Esta era, no entanto, uma paz armada, pois o exército exercia uma forte vigilância sobre as populações para evitar tentativas de revolta;
- à língua dos Romanos, o latim, que se tornou progressivamente na língua mais falada em todo o império;
- a uma extensa rede de estradas que ligava Roma às diferentes regiões do império;
- ao Direito romano – leis a que todos tinham de obedecer;
- ao forte poder do imperador, imposto em todo o império;
- à possibilidade de se ser considerado cidadão romano (o direito de cidadania romana acabara mesmo por ser concedido a todos os homens livres nascidos no império, pelo imperador Caracala, em 212).

Assim, muitos dos povos dominados foram adotando os costumes, a língua e a cultura romanas, ou seja, foram-se romanizando.

Elabora um quadro sobre os fatores de integração dos povos dominados no império Romano, referindo os contributos de cada um deles.

A descoberta das palavras

Império - vasta extensão de territórios que inclui regiões e povos muito diferentes.

Forma de organização política em que a maioria dos poderes pertence ao imperador.

Identifica os documentos da página anterior que se relacionam com este conceito.

Como se fazia... uma estrada romana!

1463

Os Romanos começavam por abrir dois sulcos paralelos. Entre os sulcos escavavam a terra. A vala era depois cheia com argamassa e batidos com magos.

3. Gravilha com uma superfície arredondada, para facilitar o escoamento das águas da chuva.

4. A estrada era pavimentada com pedras.

Mesmas informações e conteúdo já paginado, pdf final:

B2

O fio da História

No século V a.C., a pólis de Atenas destacou-se das restantes, pois foi aí que surgiu a democracia. Os Gregos deixaram à humanidade uma importante herança cultural, com destaque para a filosofia, o teatro, o desporto e a arte. Esta herança influenciou, em muitos aspetos, a civilização romana.



1 - O Império Romano no século II.

1 Localiza um território que pertencia ao Império Romano, respetivamente, a norte, a sul, a este e a oeste de Roma.

2 Refere por que razão os Romanos chamariam *Mare Nostrum* («o nosso mar») ao mar Mediterrâneo.

2 - Os Romanos são bandidos cuja presa é o mundo. Nem o Ocidente nem o Oriente os satisfizeram. (...) Roubar, massacrar, pilhar, eis o que na sua falsa linguagem os Romanos chamam civilizar. (...) Os nossos bens e rendimentos são consumidos pelos impostos. (...) Os nossos braços são usados a abrir florestas, sob o domínio do chicote.

Paráfrase de um chiste derrotado pelos Romanos, segundo Tácito, historiador romano do século I (cópia de João Aguiar, adaptado).

3 - [Roma] foi a única, de entre todos os Estados, que recebeu no seu seio os povos conquistados e, como uma mãe (e não como uma dominadora), fez abraçar a raça humana num só nome, chamando os vencidos para seus cidadãos e unindo longínquas raças com os laços de amizade. (...) A ela devemos o sermos um só povo.

Cáudio Cláudio, poeta romano do século IV (adaptado).

1 - Qual é a opinião do autor do documento 2 sobre a forma como Roma agiu para com os povos vencidos? É a do autor do documento 3?

2 - Transcreve uma frase do documento 3 que contrarie a opinião do autor do documento 2.

3 - Na tua opinião, como explicas que os dois autores tenham pontos de vista tão diferentes?

O Mediterrâneo romano nos séculos I e II

O Império: áreas dominadas

A cidade de Roma nasceu no século VI a.C., junto ao rio Tibre, na península itálica. A partir do século V a.C., os habitantes de Roma (os Romanos) foram conquistando os povos vizinhos e, no final do século III a.C., dominavam já toda a península itálica. Contudo, o seu grande objetivo era dominar também o comércio no mar Mediterrâneo e, para isso, era necessário vencer os Cartagineses, povo que controlava as rotas do Mediterrâneo Ocidental. Em 146 a.C., o exército romano destruiu Cartago, antiga colónia fenícia.

A expansão prosseguiu, tendo os Romanos conquistado todos os territórios à volta do mar Mediterrâneo. Este tornou-se, assim, num «lago» romano ou, como os próprios Romanos lhe chamavam, o *Mare Nostrum* («isto é, o nosso mar»).

A cidade de Roma tornou-se, nos séculos I e II, na capital de um dos mais extensos impérios da Antiguidade (doc. 1).

A integração dos povos dominados

À medida que a expansão ia avançando, os Romanos foram integrando no seu império os povos dominados, o que se ficou a dever, principalmente:

- ao poderoso exército romano – após as conquistas, os militares permaneciam nesses territórios para garantir a paz (pax romana). Esta era, no entanto, uma paz armada, pois o exército exercia uma forte vigilância quer nas fronteiras, quer sobre as populações, para evitar tentativas de revolta;
- à língua dos Romanos, o latim, que se tornou progressivamente na língua mais falada em todo o império;
- a uma extensa rede de estradas que ligava Roma às diferentes regiões do império;
- ao Direito romano, leis a que todos tinham de obedecer;
- ao forte poder do imperador, imposto em todo o império;
- ao direito de cidadania romana, que foi sendo concedido a alguns homens livres até o imperador Caracala o conceder a todos os homens livres do império, em 212.

Assim, muitos dos povos dominados foram adotando os costumes, a língua e a cultura romanas, ou seja, foram-se romanizando (docs. 2 e 3).

Elabora um quadro sobre os fatores de integração dos povos dominados no império Romano, referindo os contributos de cada um deles.

A descoberta das palavras

Império (território)

Vasta extensão de territórios conquistados por um povo e outros povos e governado por um imperador.

Império (regime político)

Forma de governo em que o imperador concentra em si todos os poderes.

Identifica a definição que corresponde ao documento 1.

Como se fazia... uma estrada romana!

Os Romanos começavam por abrir dois sulcos paralelos. Entre os sulcos escavavam a terra. A vala era depois cheia com argamassa e batidos com magos.

3. Gravilha com uma superfície arredondada, para facilitar o escoamento das águas da chuva.

4. A estrada era pavimentada com pedras.

Anexo B: Entrevista com Isabel Garcez, editora da Caminho

Adriane Piscitelli: A Caminho existe desde 1975, certo? Quais foram os primeiros autores que fizeram com que a editora alavancasse?

Isabel Garcez: Eu entrei só em 1996, mas a Caminho desde o início que teve uma linha editorial que eram os escritores portugueses contemporâneos. E muito rapidamente também deu uma atenção especial aos autores africanos. Porque nos anos 1980, que foi quando começamos a publicar o Mia [Couto]. Claramente havia um desinteresse, um desconhecimento por parte do mundo editorial português. Havia pouca coisa do Pepetela, o Craveirinha também era pouco conhecido. A Caminho investiu bastante nisso. Dentro dessas duas linhas de autores portugueses contemporâneos e autores africanos emergentes, chamemos-lhes assim, foi, se calhar, a linha pela qual ficou mais conhecida.

E os autores, bem... temos o Saramago que publica com a Caminho desde 1979, a Alice Vieira também desde 1979 que publica connosco. E, portanto, isto foi logo nos primeiros anos da Caminho e também eram os primeiros livros desses autores ou os primeiros livros mais considerados desses autores. E, portanto, a Caminho cresceu com seus autores, digamos assim.

Depois também começamos a trabalhar com o Mário de Carvalho que foi outro grande nome que cresceu connosco e nós com ele. A Caminho também fez uma incursão importante no ensaio, principalmente na área da linguística do desporto, mas do ponto de vista mais técnico, mais científico, e nos dicionários temáticos, que era uma coisa que também não existia muito no meio editorial português e nós fizemos uma coleção de referência.

Do ponto de vista infantil, a grande aposta na coleção «Uma Aventura», que já fez 30 anos. Também autores de referência do neorrealismo, temos grande parte da obra do Alves Redol, grande parte da obra do Manuel da Fonseca, a Sophia de Mello Breyner. Mas convém explicitar que destes, o Mário de Carvalho e a Sophia de Mello Breyner já não estão mais connosco.

Na Caminho infantojuvenil, mais especificamente, digamos que quando a Caminho começou a publicar com o José Oliveira em 1975-1976 e que esteve até há

pouquíssimo tempo, portanto ele saiu agora da Caminho há uns dois anos, não mais do que isso. Ele fez praticamente todo o catálogo infantojuvenil da Caminho e foi muito precursor, porque na altura o meio editorial infantojuvenil português era claramente redutor. Havia pouco mais do que Enid Blyton e umas coleções para meninas, nada de muito arrojado e quase nada de autores portugueses. Havia a Matilde Rosa Araújo e a Maria Alberta Menéres e acho que era só, *grosso modo*. Portanto, a Caminho infantojuvenil, partindo da Alice e depois com «Uma Aventura» e juntando mais uma série de autores portugueses, construiu realmente um catálogo de referência, porque é um dos mais antigos e é um dos que mesmo perante as edições estrangeiras que nós comprávamos eram sempre livros de referência. E daí também a nossa boa implantação nas escolas, os bons resultados do PNL [Plano Nacional de Leitura], os bons resultados das metas. Tudo isso é um trabalho que demora décadas a fazer e nesse caso demorou três.

AP: Você acha que as novas editoras, como a Planeta Tangerina, a Pato Lógico, de infantojuvenil, interferem no trabalho, são concorrência de facto ou não?

IG: Eu penso que não. Pra já porque não defendo que a competitividade por si só seja uma coisa que funcione nesse meio empresarial. Funcionará, se calhar, em rádios e televisões, não faço ideia, ou em batatas fritas, mas no meio cultural uma competitividade de um ponto de vista meramente comercial não costuma funcionar. Aliás, nós temos belíssimas relações com a Planeta Tangerina, com a Pato Lógico, com a Bruaá e trabalhamos com ilustradores que são dessas respectivas casas. Portanto, a esse nível não. E me parece que essas novas editoras são muito úteis, porque marcam uma linha, uma tendência, nesse caso mais de ilustração do que da parte de texto, mas marcam uma linha que é fundamental, porque são ilustradores muito modernos, atualizados, conhecedores do meio e de muita qualidade. Mas ainda são editoras que funcionam num nicho muito específico e a Caminho não está propriamente nesse nicho específico. A Caminho tem um campo híbrido entre os livros de qualidade e de referência e as grandes massas, digamos assim. É uma editora que tem um outro papel no mercado, tem uma cota do mercado, não lhe sei dizer números, mas substancialmente mais elevada do que essas editoras. Tem tipos de livros que poderão ser igualmente experimentalistas outras um bocadinho mais conservadoras, mas, lá está, tem a ver também com o quadro de autores mais antigo

que nós temos e com quem continuamos a trabalhar e achamos que vale a pena. Vale a pena continuar a fazer livros do António Torrado, da Alice, e que são autores que embora estejam atualizados, mas têm a idade que têm e o tempo de carreira que têm, portanto é diferente de um autor que está agora com 30 anos a começar. A Caminho diferencia-se dessas editoras porque conjuga autores jovens com autores já muito reconhecidos.

AP: Mas você acha que vale a pena a aposta nos novos também?

IG: Sim, aliás a Caminho fez-se assim. Fez-se a construir autores e é uma editora que vive saudavelmente do seu fundo. Isto é, sempre houve a perspetiva de que os autores que já estão instalados e que vendem bem porque são reconhecidos, premiados, já têm dez livros no seu catálogo, já publicam há cinco, seis, dez anos, são os autores que ajudam a financiar o trabalho, que é sempre um trabalho de prejuízo inicial, da construção de novos autores. E a Caminho sempre fez isso não só nos de literatura para crescidos como nos de literatura infantil.

Portanto, uma Ana Saldanha, uma Alice Vieira, um António Torrado ajudam-nos a financiar uma Rita Taborda Duarte, uma Manuela Castro Neves...

AP: E o Afonso Cruz?

IG: O Afonso Cruz é um caso muito particular. É muito raro um autor novo de qualidade implantar-se tão rapidamente no mercado. A maior parte dos autores demora seis, dez anos a construir. Nesse período de tempo, uma editora como a Caminho vive à custa do fundo que já construiu há dez ou quinze anos e que agora permite que se consiga manter esta linha de novos autores.

AP: E porque é que o Afonso Cruz é uma exceção?

IG: Ele é muito versátil, quando começou a escrever já era conhecido como ilustrador, o que alguma maneira também ajuda, portanto no meio editorial não era completamente desconhecido. É um homem cuja versatilidade de estilo e de registos, seja em que livro for, seja para os pequeninos ou para os grandes ou para os crescidos, consegue conjugar muito bem vários níveis de leitura, isso é uma coisa que ajuda

imenso. Um livro dele pode ser sempre lido de uma maneira mais descontraída, mais lúdica, uma leitura mais superficial e depois pode ser lido em camadas de profundidade e, portanto, isso ajuda muito porque não é à partida inacessível nem aos miúdos nem aos leitores mais pequenos nem aos crescidos que acompanham essas leituras. Uma das coisas que nós nos apercebemos é que muitas vezes os próprios adultos, sejam pais, sejam professores, que acompanham as leituras dos miúdos precisam eles próprios de se adaptarem a um tipo de livro ou a um tipo de ilustração ou a um tipo de autor... E o Afonso Cruz consegue tanto em termos de ilustração como em termos de texto ser apelativo num primeiro olhar e depois quem quer ou quem tem formação para fazer níveis de leitura mais profundos consegue fazê-los também. Depois, ele apareceu no mercado muito rapidamente com uma gaveta muito repleta. Apareceu com livros infantojuvenis, com narrativas curtas, com romances e isso ajudou a cobrir uma série de idades.

AP: A Alice Vieira falou no lançamento do livro *Contos das Mil e Uma Noites* que ela recebe muitas encomendas das editoras. Parecia que no começo ela produzia por conta própria e agora só o que pedem. O Afonso Cruz é encomendado?

IG: Do que é do meu conhecimento não. No que diz respeito à Caminho, especificamente, claramente não. Nós não encomendamos livros, por princípio. Estamos disponíveis para aquilo que os autores consideram que é adequado para a Caminho. Temos autores exclusivos da Caminho e outros que não são exclusivos, e as duas coisas são boas. A Caminho não tem propriamente a ideia de que é melhor ter um autor exclusivo do que não ter, não se trata disso.

É muito agradável do ponto de vista da Caminho perceber que os autores reconhecem quais dos seus livros é que são mais apropriados à Caminho, e é uma relação muito saudável de ambas as partes. Não ficamos sensibilizados se não for exclusivo. Aquilo que para nós é mais importante é que o autor nos entregue um trabalho, porque considera que aquele trabalho específico será mais bem tratado na Caminho do que em outra editora qualquer. E é esse nível de confiança que é muito agradável.

AP: Mas, por exemplo, agora com o Prémio Saramago do Ondjaki não seria interessante, comercialmente falando, para a Caminho fechar exclusividade?

IG: Eu acho que a Caminho tem uma bonita história de confiança que se conquista. O Saramago ganhou todos os prêmios possíveis e imaginários e nunca saiu da Caminho, nunca precisou de nenhum contrato de exclusividade. O Mia Couto também não. E o Ondjaki assim será. É uma relação de confiança que se conquistou ao longo de 30 e tal anos, no caso do Ondjaki de 12. E também depende do perfil dos autores. Digamos que comercialmente, poder-se-ia dizer que agora a Caminho podia, mas não é o tipo de relação que gostamos de ter com eles.

AP: Eu acho que isso é exceção no mercado, não sei se comparado ao mercado brasileiro também, porque há brigas de famílias e herdeiros para fechar contratos exclusivos. Quando há autores em várias editoras, às vezes pode-se pensar, que autor promíscuo, digamos assim.

IG: Muitas vezes os autores da Caminho são desafiados por várias editoras e até com grande agressividade empresarial. O que há 10 anos não existia e que agora é norma comum. O que para nós continua a ser muito importante é que é raro o autor que sai da Caminho sem que tenha uma conversa muito sincera e que explique muito bem por que é que vai fazer um livro em outra editora. Tem a ver realmente com essa tal relação de confiança que se conquista, não se compra. E no mundo da arte isso continua a ser muito importante. E os artistas, seja de que arte for, e o escritor não é exceção, precisa de manter a sua liberdade criativa e o seu poder sobre a sua obra. E a editora é um veículo, é um mediador cultural, é um veículo para que a obra chegue ao público, mas não é detentora da obra, nunca é, e o autor quanto mais sentir que a editora compreende isso, mas se sente também livre e com mais vontade, por isso que nós temos autores que não se vão embora.

Eu acho que grande parte da sensibilidade é essa, eles não gostam de sentir que as coisas saiam do seu controlo. E de alguma maneira o editor deve ter essa sensibilidade, deve perceber que um autor gosta e precisa de todo o apoio que um editor lhe possa dar, como este mediador, muitas vezes como um acompanhante na última fase de criação, que é preciso também. Apesar de tudo, um editor será um primeiro leitor técnico, porque não é o irmão, o pai, o filho que leu o livro e diz que está muito bem. **O primeiro leitor técnico por excelência é o editor.** Portanto, se a relação de confiança entre o autor e o editor for boa, o resultado dessa primeira leitura

é muito importante para ambas as partes. Agora, o autor precisa de saber que é o detentor de sua obra, precisa de saber o que é que editor pensa em fazer com sua obra.

O que eu posso dizer é que a Alice [Vieira] da Caminho não recebe encomendas, porque não é a nossa política. Eu pergunto-lhe normalmente o que é que ela tem para este ano, é por aí. Agora, ela é uma escritora já tão reconhecida, toda a gente sabe que ela escreve bem para mais pequeninos, para mais crescidos, para vários estilos, portanto se dizem «nós não temos em Portugal uma coleção como deve de ser com histórias de Natal, contada por um autor português», sabemos que a Alice sabe fazê-lo. Portanto, é normal que ela receba muitas encomendas. Eu penso que depois também faz parte da gestão do autor ir percebendo até que ponto é que tem um impulso criador absolutamente autónomo e até que ponto a sua vocação literária e de escritor se pode adequar a ideias que vão surgindo.

AP: Então, como é feito no começo do ano o planeamento editorial? Vocês voltam ao autores de fundo de catálogo para perguntar?

IG: Na maior parte dos casos nós nem perguntamos, vamos acumulando propostas que nos chegam, seja de autores da casa, seja de autores novos. Os autores novos têm de ser geridos com mais cuidado, não é uma prudência puramente comercial no sentido em que nós sabemos que não podemos fazer dez autores novos, porque são dez autores que potencialmente não vão vender numa primeira fase, não é tanto por isso. É porque dá muito trabalho construir autor e nós não podemos estar todos os anos a disponibilizarmo-nos para construir autor, porque não basta pôr um livro no mercado, autor novo precisa de um acompanhamento em todas as frentes e isso dá muito mais trabalho, sendo que o retorno é muito mais demorado no tempo, temos que equilibrar estas duas coisas.

Quando são autores já na casa, que são conhecidos pelas escolas, pelos livreiros, o trabalho é muito mais facilitado e sabemos que temos um retorno seguro, temos que equilibrar essas duas partes: entre o tempo de trabalho que cada um dos projetos obriga e o equilíbrio dentro do catálogo que já existe.

Por outro lado, temos que ter uma visão, com a ideia de construção de futuro, em que direções é que queremos ir? Isso também tem que ser equacionado com a devida antecedência e, finalmente, o equilíbrio dentro da programação daquele ano, que é

feito mais ou menos no verão para o ano seguinte. Também consoante as condições de mercado, se podemos fazer uma programação maior, uma menor, e depois vamos equilibrando. Quer dizer, pode ser um ano em que surjam muito boas propostas de poesia, por exemplo, mas não podemos fazer mais poesia do que fazemos outras coisas, tentamos transferir alguns de poesia para o ano subsequente e gerir isso.

No caso do infantojuvenil, essa gestão é mais pertinente, porque para além de gerirmos os géneros literários, poesia, ficção e teatro, também precisamos de gerir o tipo de livro e a idade é a que se destina, tentar ter todos os anos livros para as várias idades e o tipo de livro, se é um *picture book*, de capa mole, ilustrado, se não... Essa gestão é mais delicada por causa disso, mas o conceito-base é sempre o mesmo: entre as ideias do futuro; o que já temos de herança e que valorizamos muito; e o equilíbrio da programação anual.

AP: E são quantos lançamentos por mês, por ano?

IG: Depende muitíssimo da conjuntura geral. Nós já tivemos anos de cem títulos por ano, já tivemos anos de trinta... E neste momento, com a crise, é um sinal de bom-senso fazer programações mais reduzidas. Porque se as vendas descem 15% ou 20%, há que realmente trabalhar uma programação que nós saibamos que é possível gerir sem prejuízo ao longo do ano. Isso não significa que se faça só autores conceituados, porque também uma editora de autor como é a Caminho, uma editora que trabalha muito pouco com traduções, é uma gestão mais em cima do momento, nós podemos preparar uma programação no verão, mas depois um autor, seja conhecido ou não, apresenta-nos uma proposta fantástica em fevereiro e nós ainda queremos fazê-la neste ano. Portanto, temos que gerir mais em cima do momento. Uma editora que trabalha substancialmente com originais tem uma gestão muito diferente de uma editora que funciona com traduções, como é lógico. Uma editora que trabalha com traduções pode preparar uma programação a três anos.

AP: E no próximo ano, quantos lançamentos, pode revelar?

IG: No próximo ano, ainda estamos em construção, o que também não é uma coisa que me parece mal, em anos de crise, como é a conjuntura atual, eu penso que é de bom-senso avaliar proposta a proposta e tentar perceber até que ponto é válido,

sempre com essa ideia de equilíbrio, então não faz mal nenhum programar o primeiro trimestre, programar o segundo, ir fazendo. Podemos, por exemplo, preparar um livro já sabendo que existe uma companhia de teatro interessada em adaptar para um espetáculo, portanto adequamos a saída do livro para esse mês. No caso de autores que não trabalham só com a Caminho, nós ajustamos as saídas da Caminho com as saídas de outras editoras, não temos que nos atropelar uns aos outros. Portanto para 2014, a gestão da Caminho está muito prudente.

AP: São quantos editores?

IG: Dois, eu e o Zeferino Coelho. O editor da Caminho, o Zeferino Coelho está na Caminho há 30 e não-sei-quantos-anos, desde o iníciozinho. O catálogo da Caminho é o Zeferino, assim como do infantojuvenil era o José Oliveira, e continua a ser, porque o catálogo não desaparece. Eu entro há 17 anos para assessorar o Zeferino Coelho e foi uma bonita conjugação, porque embora haja uma diferença de geração, nós partilhamos a mesma ideia do que é que uma editora deve ser e no nosso caso, que é uma frase do Zeferino que eu cito muitas vezes, **«a boa literatura pode vender bem»**. Nós trabalhamos muito nessa base, sabemos que as coisas demoram um tempo a construir, nunca adulteramos, procuramos nunca adulterar, os autores que trabalhamos. Os livros que trabalhamos, temos consciência de que os autores, os livros que trabalhamos, não são na sua génese livros de massas, na esmagadora maioria, mas que se podem transformar em leitura de massas, o que é uma coisa diferente. Uma coisa é prepararmos de início um livro com o objetivo: este vai ser um livro para as massas. Outra coisa é, citando também outro autor que eu adoro, o Lopes Graça, dizia que **«a educação do belo só se faz através do belo»**. Eu aprendi muito isso com o Zeferino, mas também já era minha génese, eu fui professora de português e gostava muito, quando eu decidi sair do ensino foi para ir para duas ou três editoras, se não fosse para aquelas, eu continuaria a ser professora, feliz até hoje, porque não me interessava o mercado editorial no geral, qualquer editora, não me interessava, interessava-me aquelas editoras que tinham esta coisa que é: **o poder e a responsabilidade social que é transformar um original que um editor considera que vai ajudar a mudar o mundo**. Isto pode parecer muito lírico, mas não é, **a arte ajuda realmente a mudar o mundo**, está sempre à frente, está à frente da própria ciência. E **a construção de um ideal coletivo e de uma identidade coletiva e de**

uma mentalidade coletiva e de valores coletivos faz-se muito com as coisas que estão acessíveis e pela maneira como nós as passamos para o público e essa é a principal função de um mediador cultural, há de ser sempre a minha ideia.

Uma empresa é uma empresa tem que funcionar com base em lucro, em receitas, custos, tudo isso é muito bom, mas não precisamos de fazer projetos de luxo para que sejam de qualidade. Com uma cor fazem-se maravilhosos livros. Não estamos a pensar em edições de luxo porque a cultura é uma elite. É ao contrário, é fazer passar a ideia de que os objetos culturais de qualidade podem ser feitos a preços acessíveis e que podem ser acessíveis às massas, mesmo que as massas precisem de algum tipo de formação. E também deve ser objetivo de um editor ou de um outro mediador cultural, qualquer pessoa que tenha responsabilidade, agarrar numa coisa que é inédita e transformá-la numa coisa que deixa de ser inédita e passa a ser de domínio público, é uma responsabilidade enorme, não é? Basta imaginarmos a quantidade de obras fantásticas que estarão nas gavetas de alguém e que por qualquer motivo nunca nenhum mediador cultural disse que «sim», isso é uma responsabilidade muito grande. Portanto, **quando nós dizemos que «sim» a um autor ou à uma obra, nós estamos a dizer que «sim» mais do que ao autor, do que à obra, estamos a dizer que «sim» a um potencial de criação futura**. O primeiro livro do Ondjaki não era *Os transparentes*, em termos de qualidade, como é lógico, ele tinha 23 anos quando começou a trabalhar connosco. É preciso ter esse tipo de noção e **é uma profissão de grande responsabilidade**. Mas repare, isto não significa que não seja legítimo outro tipo de edição, é legítimo, mas não tem que ser obrigatório. Aliás, eu sou contra um IVA diminuído para qualquer tipo de livro, porque há muitos livros que não são objetos culturais, como há muitos filmes, como há muitas peças de teatro, e nada de mal com isso.

AP: E por isso deve ser comercial tanto quanto...?

IG: E, portanto, não tem lógica que tenha 6% de IVA, se é um livro que não tem em si próprio um objeto artístico. E claro que essas questões de definição de arte e de estética são sempre muito delicadas, mas por isso que convém que quem está à frente das entidades que podem dizer que «sim» ou que «não» a uma obra inédita convém que tenha algum tipo de formação. E isto também demora muito tempo a construir,

demora muito tempo a construir um editor, um curador, demora muitos anos de investimento próprio e de investimento nos sítios onde trabalham. **Não é só o autor que demora muito tempo a construir**, mas a partir do momento em que se tem a formação mínima, então a responsabilidade é muito grande, e os editores devem assumi-la. O que não quer dizer que não seja legítimo outras formas de produtos de livros, de filmes, de obras, de esculturas, de pinturas, o que for, mas há que diferenciar aquilo que é arte e aquilo que não é arte. E, para além da subjetividade daquilo que é belo, do que é arte, é preciso tentar perceber alguma coisa, **até que ponto que isto é diferente do que existe**, se calhar essa é a primeira pergunta. Depois, até que ponto é que — partindo do princípio que é diferente do que existe — **a diferença deste objeto artístico faz avançar a própria estética no geral**, a própria arte no geral? Portanto é uma sucessão de perguntas que têm que ser feitas e que têm que ser respondidas com critério, embora os critérios possam alterar-se de editor para editor e de curador para curador...

AP: E de ideologias, né?

IG: Claro, claro... não acredito que não haja um fundo ideológico ou filosófico com base em todas estas equipas que trabalham nestas áreas, não acredito que não haja.

AP: Você acha que as editoras são construídas através do gosto pessoal do editor, o catálogo é construído através do que o editor gosta ou não?

IG: Eu acho que isso é um mito. É verdade que o editor influencia muito um catálogo, exatamente porque tem essa responsabilidade de dizer «sim» ou «não», tem este poder. Portanto, influencia naturalmente, mas um bom editor não publica só aquilo que ama. Convém que goste de tudo aquilo que produz, porque o nível de empenho que é necessário é muito grande, portanto, se nós não gostarmos daquilo que estamos a fazer, não temos o mesmo nível de qualidade. Mas não temos que gostar de igual maneira, e podemos perfeitamente perceber a pertinência de uma obra mesmo que não seja do nosso gosto pessoal, mas podemos perceber que cumpre os objetivos do nosso projeto maior, que é a editora. Eu não gosto de todos os livros dos autores novos que acompanho da mesma maneira.

AP: Mas gosta de todos?

IG: Mas gosto de todos.

AP: E a editora que publica *Cinquenta Tons de...*? Aqui é *As Cinquenta Sombras de Grey*.

IG: É uma coisa completamente diferente. E não tiro o valor dos editores que fazem este trabalho, porque eu não saberia fazê-lo, atenção, não saberia. Portanto, para cada tipo de trabalho há um tipo também de editor. Eu não me formei para aquilo, não tenho condições técnicas, não estou atualizada, não sei. Pelo contrário, admiro muito as pessoas que conseguem e podem ser igualmente cultos e pessoas de bom gosto, mas têm um objetivo profissional que é diferente. Eu considero-me uma pessoa muito privilegiada porque eu posso conjugar, digamos, os meus objetivos de vida com os meus objetivos profissionais. Não têm de ser exclusivos, eu não morro se deixar de trabalhar aqui, mas é muito bom perceber que a mesma cabeça que vem para aqui é a mesma cabeça que está em casa, que está com os amigos, que troca impressões no café. Nem todos os meus colegas podem fazê-lo, portanto... E são profissões, é a tal questão do IVA a 6%, são profissões. E é perfeitamente legítimo o editor ter como objetivo apanhar os *best-sellers* de variadíssimos tipos. E também é normal que eu olhe para um original, e digo «isto vai ser, de certeza, publicado por esta ou por aquela editora», mas não na Caminho.

AP: Por que foi publicado as *Cinquenta Sombras...*?

IG: Porque há público.

AP: Mas será que há público porque primeiro foi publicado ou só foi publicado porque há público?

IG: Por isso é que eu chamo a atenção para esta questão da responsabilidade social. Digamos que as indústrias culturais tem que se clarificar, e se calhar, no seu todo era importante que percebessem que criatividade não é igual a criação. Criatividade sou eu, é a Adriane. Criação é outra coisa, criação é aquilo que realmente muda o mundo, muda a nossa maneira de ver o mundo, muda o tipo de representações e a quantidade

de representações que existem no mundo, isso é criação, é arte. E atualmente há uma grande mistura nas indústrias culturais e em quase tudo. Não pode ser. É muito bom uma agência publicitária, ótimo, Fernando Pessoa também fez uns belos slogans publicitários na época dele, mas isso não é criação do Fernando Pessoa. Há que distinguir. Tudo é válido, tudo tem legitimidade de existir, mas há que distinguir. Quem é que tem o principal papel desse trabalho? É o Estado, claramente. Portanto, o Estado, o Ministério da Cultura, o Ministério da Educação tem necessariamente que ter essa preocupação. As empresas, essas são particulares, podem optar, e necessariamente também têm de se adaptar com as suas condições ao mercado que existe. Agora, o principal papel é o do Estado, claramente. Portanto, se existe *O diário de um banana* e se os miúdos preferem lê-lo, de alguma maneira, é claro que a Caminho e as outras editoras farão o seu papel para que eles gostem de ler outras coisas, mas o principal papel é o do Estado. Tem que ser, tem que ser. E da maneira como o mundo está atual, não é. Não é só um problema português, é mais abrangente do que isso.

Anexo C: Dados PNBE 2013

Dados do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)³.



FNDE Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

Acesso à Informação BRASIL

formar Acesso à informação Acessibilidade A+ A-

Notícias | Institucional | Mapa do site | Fale conosco | Perguntas Frequentes

O que você deseja? FNDE Programas Sistemas Financiamento Prestação de Contas Ministério da Educação

Programas / PNBE / Dados estatísticos

OPÇÕES

- Apresentação
- Histórico
- Funcionamento
- Dados estatísticos
- Editais
- Distribuição
- Legislação
- Perguntas frequentes
- Contatos

PNBE 2013

O PNBE 2013 é direcionado à aquisição e à distribuição de obras literárias às escolas públicas dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio com acervos de títulos de diversos gêneros literários, como contos, crônicas, romances, poemas e histórias em quadrinhos.

Segmento de Ensino	Escolas Beneficiadas	Acervos Distribuídos	Alunos Atendidos	Livros Distribuídos	Investimento Total R\$
Ensino Fundamental (6º ao 9º ano)	86.794	50.556	12.339.656	5.207.647	56.677.338,63
Ensino Médio	36.981	19.144	8.780.436	2.218.884	29.704.045,58

Critério de Atendimento do PNBE 2013

Etapas de Ensino	Quantidade de Obras	Quantidade de Obras por Acervo	Critério de Atendimento
Anos Finais do Ensino Fundamental	180	3 tipos de acervos com 60 títulos diferentes cada	Escolas com até 250 alunos: 1 acervo Escolas com 251 a 500 alunos: 2 acervos diferentes Escolas com mais de 500 alunos: 3 acervos diferentes
Ensino Médio	180	3 tipos de acervos com 60 títulos diferentes cada	

³ <http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-dados-estatisticos>. Acesso em: 18.nov.2013.

Anexo D: Meu projeto de apresentação Alice Vieira



Alice Vieira nasceu em 1943 em Lisboa. É licenciada em Germânicas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Em 1958, iniciou a sua colaboração no suplemento “Juvenil” do Diário de Lisboa e a partir de 1969 dedicou-se ao jornalismo profissional. Desde 1979 tem vindo a publicar regularmente livros tendo, editados na Caminho, mais de cinco dezenas de títulos. Recebeu em 1979, o Prémio de Literatura Infantil Ano Internacional da Criança com *Rosa, Minha Irmã Rosa*, em 1983, com *Este Rei que Eu Escolhi*, o Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura Infantil, e em 1994 o Grande Prémio Gulbenkian, pelo conjunto da sua obra. Foi indicada, por duas vezes, como candidata

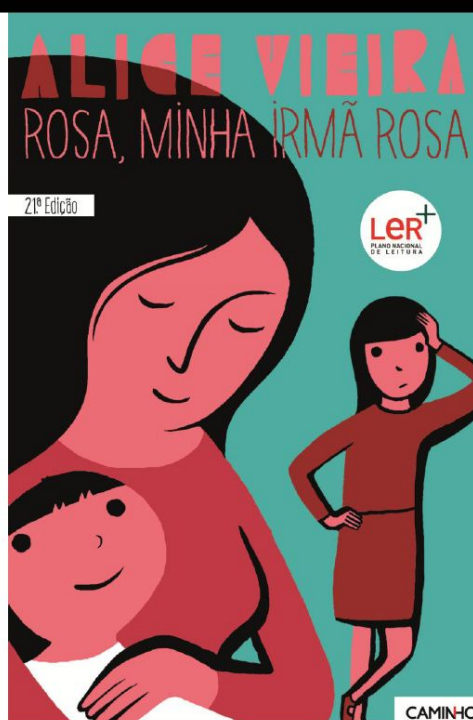
portuguesa ao Prémio Hans Christian Andersen. Trata-se do mais importante prémio internacional no campo da literatura para crianças e jovens, atribuído a um autor vivo pelo conjunto da sua obra. Alice Vieira é uma das mais importantes escritoras portuguesas para jovens, tendo ganho grande projeção nacional e internacional. Foi igualmente apresentada por duas vezes, como candidata ao ALMA (Astrid Lindgren Memorial Award).

Em 2014, Alice Vieira faz 35 anos de carreira literária.



Mariana, filha única, tem dez anos quando Rosa nasce. Agora vai partilhar tudo com a irmã: o quarto, o tempo dos pais, o afeto da família – incluindo a Avó Elisa que desconfia do progresso, e a Tia Magda, que tem um dente de ouro, uma fala que mete medo e só gosta de estrelicias e antúrios. Mas pelo menos a recordação da Avó Lúdia e a amizade de Rita ela não quer dividir com mais ninguém. Será que Rosa vai continuar a ser “uma intrusa”?

8-9 anos | Plano Nacional de Leitura



leYa CAMINHO

Primeiro é a barafunda da mudança, as coisas não se encontram, os trapos velhos que não há, os cheiros que são diferentes. Mariana e Rosa mudaram de casa e agora têm de se adaptar não apenas à casa nova mas também a vizinhos novos, à escola nova, a colegas novos, a lojas novas e a novos hábitos. E nesse primeiro ano na casa nova, muita coisa acontece. Até o corpo de Mariana fica diferente: “a minha filha amadureceu”, diz-lhe a mãe num dia muito especial.

10-11 anos

ALICE VIEIRA



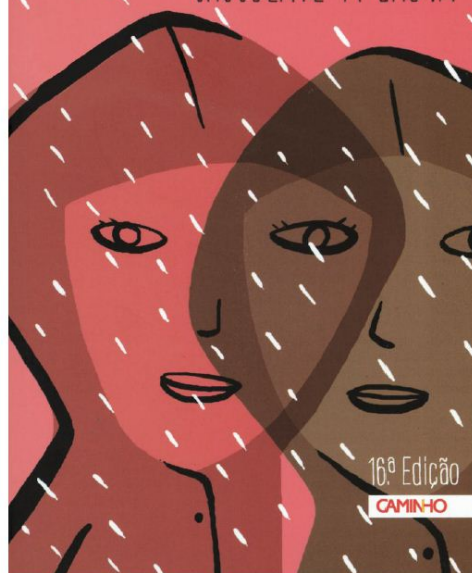
leYa CAMINHO

Mariana é confrontada, entre outros problemas, com um bem difícil: o divórcio. Os pais da Rita, sua amiga de sempre, tomam essa decisão. É a ruptura. É o fim da “casa da Rita”, é o “tremar” das coisas sólidas. Mariana vai entrar no emaranhado dos “quês” e “porquês” e vai sentir-se impotente para ajudar a Rita. Este livro é também uma maneira fascinante de acompanhar o crescimento de uma adolescente atenta.

Este é o terceiro volume da trilogia: *Rosa, Minha Irmã Rosa, Lote 12, 2ª frente e Chocolate à Chuva*.

10-11 anos | Plano Nacional de Leitura

ALICE VIEIRA
CHOCOLATE À CHUVA



leYa

CAMINHO

O verosímil é abandonado e parte-se para o campo do fantástico, das viagens no tempo ao passado, à História de Portugal. Três jovens irmãos, que visitam o Castelo de São Jorge e procuram uma moeda de coleção (o objeto que os transportará no tempo), encontram-se, subitamente, 834 anos atrás. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, é revelado a eles com seu gênio difícil de lidar. Geram-se vários equívocos, pelo que os protagonistas vivem novas aventuras. A ironia e o humor são constantes.

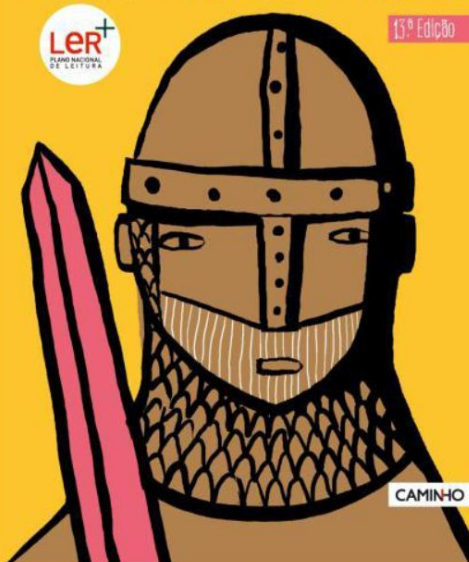
8-12 anos | Plano Nacional de Leitura

ALICE VIEIRA

A ESPADA DO REI AFONSO

LER⁺
PLANO NACIONAL
DE LEITURA

13.ª Edição



CAMINHO

leYa

CAMINHO

Em *Este Rei que Eu Escolhi* os mesmos protagonistas de *A Espada do Rei Afonso* e a sua tia idosa vão participar na escolha do Mestre de Avis (D. João I) para iniciar a segunda dinastia. Mordazmente caracterizado, o futuro rei, um indeciso, beneficiará da iniciativa dos jovens e, em especial, dos conselhos da tia Leocádia. De novo, o humor, resultante dos sucessivos equívocos, percorre cada página deste livro.

8-12 anos | Plano Nacional de Leitura

ALICE VIEIRA

ESTE REI QUE EU ESCOLHI

14.ª Edição

LER⁺
PLANO NACIONAL
DE LEITURA

CAMINHO

leYa CAMINHO

Não se trata do retrato de mais um rei de Portugal. El-Rei Tadinho, sua futura mulher (uma fada desempregada, que entretanto se fizera passar por bruxa) e o restante família vivem algumas desgraças ora do campo do cotidiano ora do fantástico. O rei oferece a filha em casamento a um dragão.

8-9 anos | Plano Nacional de Leitura

ALICE VIEIRA

GRACAS E DESGRACAS DA CORTE DE
EL-REI TADINHO
MONARCA ILUMINADO DO REINO DAS CEM JANELAS



17ª Edição
CAMINHO

leYa CAMINHO

Uma menininha conhece a solidão dentro de relações humanas nada edificantes. Não obtém da mãe as respostas às suas inúmeras interrogações. E, por isso, dialoga com o seu piano. Este é também um livro acerca da falta do pai e do modo como uma criança consegue construir o seu próprio eu e o seu círculo de afetos apesar dos mistérios opressivos e das agressões verbais de adultos insensíveis.

10-11 anos

PAULINA ao PIANO



ALICE VIEIRA

ilustrações de Isabel França Aires

CAMINHO

5ª edição

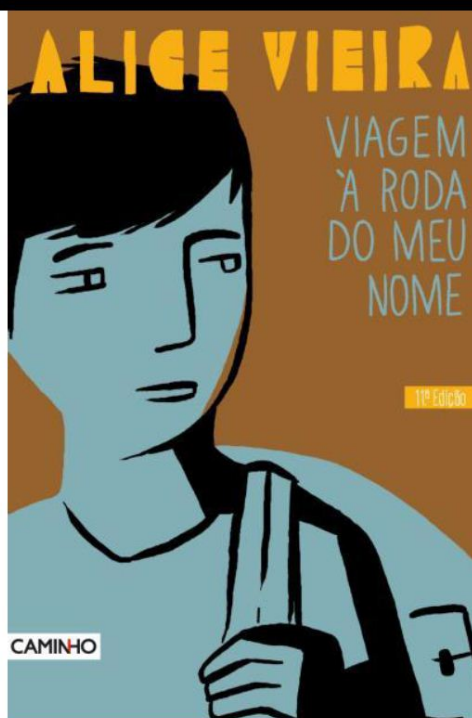
leYa

CAMINHO

Abílio detesta o seu nome e decide mudá-lo para Luís. A mudança de nome tem valor simbólico, mostra o instante em que Abílio entra em processo de crise, na busca de ser ele mesmo, diferente daquilo que dele queriam fazer. Uma viagem à terra dos seus antepassados reconcilia-o com a sua história e o seu nome.

Este romance realista, de personagens bem delineadas, retrata a vida cotidiana e o mundo interior de um rapaz, utilizando a 1ª pessoa em dois tempos de enunciação, e aborda com otimismo o tema da identidade.

10-11 anos



leYa

CAMINHO

Depois da morte da avó, Melinda tem vivido em sombrias casas de acolhimento. Agora encontrou calor e segurança com a mãe Joana e o André pequeno. Lembra-se de uma mulher que lhe fazia festas e dizia: “Flor de mel”. As explicações, semelhantes a contos de fadas, para a inexplicável ausência da mãe dão a Melinda algo a que se agarrar. Mas o pai volta para levá-la a um encontro com a sua “nova” mulher, que ao leitor atento parece a própria mãe de Melinda. Um raro livro, com um equívoco final feliz.

10-11 anos | Plano Nacional de Leitura



leYa

CAMINHO

Uma curta viagem ao passado. A narradora recorda a sua infância e a vida no seio de uma família muito tradicionalista. Um dos romances mais poéticos de Alice Vieira, esta narrativa mostra como as ideias de respeito e de bom comportamento podem inquirir a alegria de viver, se impostas de forma rígida e como simples convenções. Apesar disso, os vários irmãos desta família problemática acabam por descobrir o sabor da alegria e o prazer do divertimento.

13-14 anos | Plano Nacional de Leitura

ALICE VIEIRA

ÁGUAS DE VERÃO

LER⁺
PLANO NACIONAL
DE LECTURA

10.ª Edição



CAMINHO

leYa

CAMINHO

Maria João, de 14 anos, é filha de pais divorciados (o pai é um homem de esquerda, da classe média; a mãe vive para os seus sonhos domésticos e um pouco distante da realidade). O livro mostra a sua relação com os seus amigos da escola e o modo como ela constrói o seu próprio eu, observando criticamente as regras e valores dos pais. Ela também ajuda a construir a personalidade de outra menina: Xuxu, que é filha de um aristocrata amigo da mãe. E tem de percorrer um longo caminho para ganhar o direito ao seu próprio nome: Úrsula.

10-11 anos | Plano Nacional de Leitura

ALICE VIEIRA

ÚRSULA, A MAIOR

LER⁺
PLANO NACIONAL
DE LECTURA

8ª Edição

CAMINHO



LeYa

CAMINHO

Às Dez a Porta Fecha é um peculiar romance juvenil, pois quase não encontramos personagens jovens. O livro trata da vida de velhos num lar de pessoas idosas. Conta-nos as histórias dos sonhos, desgostos e dores de homens e mulheres velhos que travam uma luta interior contra a rotina e o esquecimento das suas famílias. Mas é também um texto comovente e divertido com final feliz, visto que um dos velhos casa com uma companheira, sai do lar, e juntos descobrem o amor e constroem uma vida nova.

13-14 anos | Plano Nacional de Leitura

ALICE VIEIRA



ÀS DEZ A PORTA FECHA

7.ª Edição

CAMINHO

LeYa

CAMINHO

Dona Estrela (uma viúva) é proprietária do café Lua Cheia, ponto de reunião e convívio de diversas “figuras” das redondezas.

Beatriz é professora. A sua história entrelaça-se com as histórias e sonhos de pessoas vulgares (adultos e jovens) que vivem no mesmo bairro lisboeta.

Um livro sobre a solidão, mas também sobre a boa vizinhança e o único modo como as pessoas vulgares conseguem sobreviver: com a cabeça cheia de sonhos e projetos.

12-13 anos

ALICE VIEIRA

A LUA NÃO ESTÁ À VENDA



10.ª Edição

CAMINHO

leYa CAMINHO

Esta peça de teatro para crianças e jovens (com um enredo em muitos aspectos semelhante ao de *Rei Lear*, de Shakespeare) foi buscar a sua base em uma narrativa popular. Um pai decide repartir o reino pelas filhas e coloca-as à prova, acabando, contudo, por deserdar a mais nova. Esta vem a revelar-se, afinal, a única que era merecedora da sua generosidade. Vítima do próprio orgulho e castigado pela sua cegueira, o rei expia as culpas mergulhando na miséria, até ser finalmente salvo e perdoado pela filha mais nova entretanto reencontrada.

12-13 anos | Plano Nacional de Leitura

ALICE VIEIRA

LEANDRO,
REI DA HELÍRIA

9.ª Edição



leYa CAMINHO

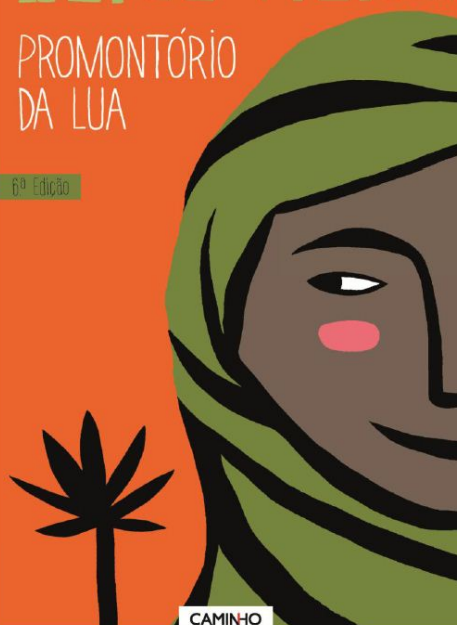
Uma palmeira fala sobre si e suas percepções. Sabe que daqui a pouco será derrubada por causa de uma estrada. Tem centenas de anos de idade. Foi plantada pelo árabe Mohamede, que a levou da África. Conversou muitas vezes com ele e com outros, tais como os participantes nas Cruzadas, que descansaram à sua sombra, mas não compreendiam a sua língua. No longo e cativante monólogo da palmeira, tecido de recordações de frases de amigos e declarações de estranhos acerca do seu destino e do de Portugal, a autora ilumina 800 anos de história.

12-13 anos

ALICE VIEIRA

PROMONTÓRIO
DA LUA

6.ª Edição



leYa CAMINHO

Glória, uma adolescente, fala-nos da sua família e dos seus problemas. O pai, um conhecido psiquiatra, divorciou-se da mãe e casou-se com uma mulher muito mais nova e bastante esnobe. A mãe, Luísa, é uma professora de História que está há muito tempo escrevendo uma tese sobre D. Maria II e é incapaz de terminá-la. Ao mesmo tempo, um amigo editor pede-lhe que escreva um romance, coisa que ela faz, parando sempre que ela própria se apaixona. Glória inclui no seu Caderno de Agosto o romance de amor da mãe (que afinal não será de amor...).

13-14 anos

CADERNO de AGOSTO

ALICE VIEIRA

Ilustrações de JOSÉ MIGUEL RIBEIRO



leYa CAMINHO

É talvez o livro em que a autora mais se distancia dos modelos narrativos a que o romance juvenil nos habituou. Das vidas das várias mulheres que constituem o núcleo das personagens principais, retém-se sobretudo o fim da adolescência e a idade adulta. Ao longo de sucessivas gerações e de cerca de quatro décadas, acompanha-se as ligações entre duas casas de província que servem de cenário à quase totalidade da ação.

Trata-se de uma narrativa de alguma complexidade, tendo por base uma sucessão de nomes femininos cuja perfeita articulação só se torna perceptível já em fase avançada do relato.

É um teatro de amores e desamores, de submissões e fugas, de frustrações, ressentimentos e preconceitos. Para algumas personagens, escapar à atmosfera sufocante desse mundo provinciano e fechado é tarefa impossível. O sonho, por vezes a morte, são as únicas saídas.

12-15 anos | Plano Nacional de Leitura

ALICE VIEIRA

SE PERGUNTAREM
POR MIM
DIGAM QUE VOEI



6ª Edição

LeYa CAMINHO

Esta é a história de Mina, que vive com a mãe, o sindicalista namorado da mãe e uma senhora francesa que a embalou em criança com árias de ópera. É também a história de um dia passado num estúdio de televisão, na gravação de *Quem Sabe Deles?*, um programa onde as pessoas vão à procura de amigos ou familiares de quem perderam o rasto. Mina procura uma avó – diga-se que sem grande entusiasmo...

12-15 anos | Plano Nacional de Leitura



LeYa CAMINHO

Um conjunto de dez histórias muito diferentes umas das outras. Histórias deste nosso tempo de famílias complicadas, de programas de televisão que nos prometem felicidade para sempre, de avós trazidos para a grande cidade e que morrem de saudades das árvores do quintal, de heroínas familiares que de repente, se descobre não terem sido tão heroicas como isso, e de outro tipo de heróis para quem a escola se resume a meia dúzia de palavras muito complicadas.

10-11 anos | Plano Nacional de Leitura



Que foi que aconteceu no dia 25 de Abril de 1974? Aparentemente a resposta é fácil. Mas só aparentemente, pois tudo vai depender da idade que têm os que a ela respondem. Para os mais novos, aqueles a quem 1974 é a Pré-História, 25 de Abril, 10 de Junho, 5 de Outubro ou 1º de Dezembro é tudo o mesmo, ou seja, é feriado e isso é que importa. Mas para os mais velhos, as coisas não são assim tão simples. Do conjunto de sete vozes diferentes se faz esta história – com um final feliz, já que a liberdade também se pode festejar de mãos dadas num shopping.

11-12 anos | Plano Nacional de Leitura

ALICE VIEIRA

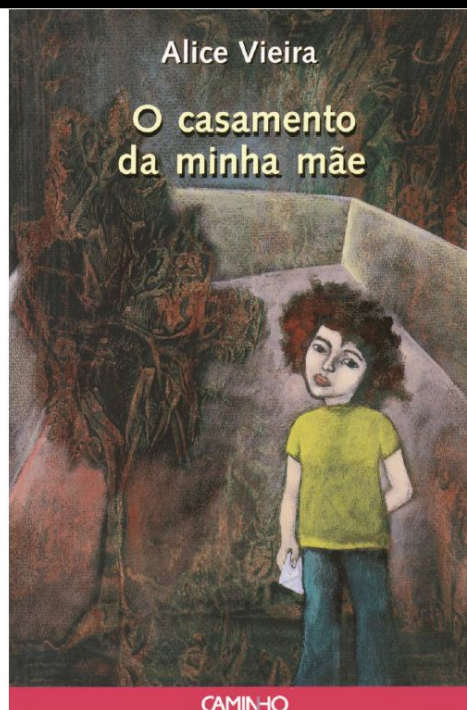
VINTE CINCO A SETE VOZES

4.ª edição



Vera nasceu quando ninguém a queria. “Não tenho vida para ter filhos”, dizia a mãe, no começo de uma carreira de modelo. “Você não me é nada”, repete-lhe continuamente Dona Elisa, mulher de um primo afastado em casa de quem a mãe a larga, ainda recém-nascida. Uma casa com um pátio, onde um dia Dona Elisa irá fazer uma fogueira de todos os seus sonhos. Mas às vezes, e quando menos se espera, surge uma leve esperança em tempos melhores. No dia do casamento da mãe, entre a multidão de fotógrafos e de gente que ela desconhece, alguém aparece capaz de lhe modificar a vida.

11-12 anos | Plano Nacional de Leitura



leYa CAMINHO

O que fazer, quando se tem 13 anos, se pediu um iPod pelo Natal e se recebe um diário? Aqui se relata – pelas palavras da própria – um ano da vida de Inês Tavares, com as suas melhores amigas (e dois amigos, porque os rapazes fazem sempre jeito para levar às festas...) e as suas grandes paixões: o chocolate e o Brad Pitt; para além da paz no mundo, claro. Uma fatia da vida dos nossos dias, em tom divertido, com a qualidade da escrita de Alice Vieira.

11-12 anos | Plano Nacional de Leitura

ALICE VIEIRA

A VIDA NAS PALAVRAS
DE INÊS TAVARES



leYa CAMINHO

Ela ficou a olhar para o carro, até que ele desapareceu ao fundo da rua. Depois correu para casa abriu a porta, atravessou o corredor, entrou no quarto, abriu a gaveta, encontrou a agenda. Teclou o número no celular. Ela sabe que vai finalmente regressar a casa. Diz-se muitas vezes que a nossa vida é um palco. No caso de Branca, que nasceu no meio de uma enorme salva de palmas, a expressão é mesmo para ser levada à letra – como, mais tarde, ela acabará por perceber.

12-15 anos | Plano Nacional de Leitura

ALICE VIEIRA

MEIA HORA
PARA MUDAR
A MINHA
VIDA



O PAPEL DO LIVRO NA FORMAÇÃO INTELECTUAL DA CRIANÇA

ALICE VIEIRA*

Cada vez mais se diz que as crianças lêem pouco. Cada vez mais se aponta a televisão como causadora de todos os males. E no entanto muita coisa fica por dizer. Talvez até o mais importante.

Desde muito cedo que a criança se habitua a ter do livro uma ideia errada. Para a grande maioria das nossas crianças, o livro é um objecto que se conhece quando se entra para a escola. Contado assim com o trabalho escolar, com o esforço, com o obrigatório, com o ler-para-fazer-a-ficha, o livro torna-se fatalmente num inimigo. Se possível a abater. De salientar que, também na grande maioria dos casos, o ambiente familiar não ajuda: «ler é quase sempre sinónimo de «não fazer nada». Quantas vezes não ouvimos dizer, em relação a uma criança: «ela não faz nada, só lê». Ou aquela

Desde muito cedo que a criança se habitua a ter do livro uma ideia errada.

atitude tão habitual dos pais que se sentem pedagogos: «ele só pode ler nas férias, agora tem de pensar no estudo».

Ou seja: o estudo é que é importante; a leitura, logo se vê.

Depois queixam-se todos, pais e professores, de que as crianças não lêem...

Um dos grandes males que nos afecta em relação ao contacto da criança com o livro, é a altura tardia em que normalmente ele se processa. Dá-se um livro a uma criança quando ela já sabe ler — o que é tardíssimo. E, para além disso, um contrasenso: pri-



meiro deveria despertar-se a curiosidade da criança pelo livro, e depois ensiná-la a ler e a servir-se dele. «Para que queres tu um livro, tu ainda

«Ler é quase sempre sinónimo de «não fazer nada».

não sabes ler!» — quantas vezes ouvimos esta frase, dita normalmente quando uma criança pequena se dá a conhecer pela capa de algum livro e pede que lho dêem.

O livro deve fazer parte dos objectos com que diariamen-

te uma criança lida: o seu lugar é entre os bonecos, as rocas, as bolas, como objecto lúdico que ele começa por ser.

Um livro é para morder, para levar para o banho, para «ler» de pernas para o ar, para apalpar, para reter em si os



cheiros familiares da casa, do quarto, da mãe, do pai. Só assim, acompanhado de livros desde os primeiros meses de vida, a criança se vai tornar num jovem, e depois num adulto) que lê.

Mas hoje em dia quase tudo parece apostado em afastar o jovem da leitura: são as solicitações do áudio-visual (erradamente considerado um exclusivo dos tempos livres e não um complemento de outras actividades), e sobretudo o limitado uso da palavra na vida quotidiana. Ninguém conversa, ninguém tem tem-

po para uma saudável discussão de pontos de vista, até já se vão acabando as famílias numerosas que se encontravam à volta da mesa do jantar e entrelaçavam histórias de uns com os, que na efabulação do real tão enriquecedora para a criança.

Hoje é difícil encontrar um jovem capaz de articular correctamente uma frase com princípio, meio e fim. Estamos na era do «prontos, sei lá» em que a capacidade de concentração cada vez é menor. Daí a dificuldade que um jovem sente diante de um livro de algumas páginas, que ele terá de descodificar e que lhe vai exigir algum esforço. É sabido: ao mínimo esforço, eles desistem. «Se a gente já

Primeiro deveria despertar-se a curiosidade da criança pelo livro, e depois ensiná-la então a servir-se dele.

soubesse do que é que o livro tratava, a gente lá ia porque já não tinha de pensar tanto», dizia-me a dias um jovem do 10.º ano diante de um livro que, há dez dias atrás, se tinha perdido no meio do ciclo liam.

E é a ausência de hábitos de leitura, são os graves problemas que o ensino atravessa, são as condições em que os professores trabalham, é a minimização da cultura (para que é ela precisa? o que é preciso é ganhar muito dinheiro e depressa e isso nun-

ca se conseguiu com a cultura...) que cada vez mais contribuem para reduzir as capacidades criativas e críticas dos jovens.



Quase nunca o livro é encarado como objecto de prazer: nos livros aprende-se o que «o programa» ordena e

Um livro é para morder, para levar para o banho, para «ler» de pernas para o ar, para apalpar, para reter em si os cheiros familiares.

por isso eles existem. Assim como «o português» é aquela aula chatíssima onde se ensinam coisas que não servem para nada — esquecendo que, se a língua não for usada correctamente e correctamente aprendida, se os livros ficaram a apañar pó num canto

Hoje é difícil encontrar um jovem capaz de articular correctamente uma frase com princípio, meio e fim.

da casa como objectos inúteis, as capacidades intelectuais também ficam drasticamente reduzidas, a capacidade de discurso razoavelmente atrofiada, o vocabulário reduzido a pouco mais que vagas interjeições com uma ou outra palavra inteligível pelo meio. Por isso os alunos não

sabem interpretar o que lhes é pedido num teste (seja de que disciplina for), ou descodificar um documento, por mais simples.

Quase nunca o livro é encarado como objecto de prazer.

Por tudo isto — e muito mais — a ausência de livros no quotidiano das nossas crianças é muito grave. E se os livros estão caros (é sempre o artigo que as pessoas consideram de mais elevado preço porque, não lhes sentindo a falta, é evidente que ter de o pagar representa sacrifício acrescido) também não existe o hábito de recorrer às bibliotecas (as que são bem dinamizadas, e existem já algumas, são apesar de tudo ainda uma excepção). Quanto à escola, os problemas são ainda maiores, num esquema complicadíssimo de funcionários que não há, de horários estranhos, de livros que não abundam, etc., etc., etc...

Se os livros ficarem a apañar pó num canto da casa como objectos inúteis, as capacidades intelectuais também ficam drasticamente reduzidas.

É evidente que tudo isto não passa de algumas reflexões provocadas pelas minhas constantes deslocações às escolas e o consequente contacto com alunos e professores. Digamos que isto sou eu a falar, não com os meus bócios, mas com a máquina de escrever, esperando que a conversa possa encontrar quem a continue.

* Escritora Livros Infantis.

Contar uma história como deve ser

Crítica Literária

Maria Lucia Tepecki

Um livro que li, vai-se pensar sobre ele.

«Ela se, logo a abrir, que A Lua não Está à Venda é construído em acções paralelas (que depois convergem) um pouco como acontece em Viagem à Roda do Meu Nome. Assim, um conjunto de capítulos curtos, grafados em itálico, acompanham uma trama do ensino secundário durante uma prova de História.

Em termos de tempo físico, fica o romance limitado em cerca de cinquenta minutos, mais ou menos coisa: e isso porque a professora concedeu mais o tempo do intervalo para os meritos terminarem o ponto.

Balizado em cinquenta minutos — a prova começa no primeiro capítulo e termina no último —, A Lua Não Está à Venda baliza-se também em espaços. O primeiro deles é a sala de aula. Depois aparece o bar — chamado Lua Cheia — onde vão passar, nas várias horas do dia, as mais variadas pessoas. O que não é mais que natural, pois para outra coisa não se fazem os bares.

Funciona o bar como um espaço de trânsito — ou de ponto de curta duração —, e neste sentido é uma contradição da sala de aula, onde o tempo de permanência é fixo e o tipo de conversas que se têm (às aulas) também o é. De modo que se não bar tudo vai mudando de acordo com as diferentes caras que chegam, na sala de aula vai tudo mais ou menos do mesmo jeito, do início ao fim.

O microcosmos

Mesmo que o meu leitor ainda não conheça o livro de Alice Vieira, já terá percebido que sala de aula e bar constituem como microcosmos. Sendo os microcosmos principais de A Lua não Está à Venda, não serão, contudo, os únicos. Outros se vão abrir. Em termos de espaço físico temos, então, as casas de certas personagens e pode mesmo ocorrer, como ocorre, que um microcosmos marcado por certo mistério se apresente sob a forma do quarto de um enfermo.



Alice Vieira é uma notável escritora, pioneira na montagem de uma história a que nunca faltam «suspense» e emoção

Deixo de lado outras reminiscências, outras longas vidas, e solistas, contadas em A Lua não Está à Venda e transito para o microcosmos do devaneio. Ele é penitente, principalmente, de Dona Estrela, a proprietária do Lua Cheia e se manifesta de duas maneiras. Num devaneio voluntário e cultivado, fuga assimida ao quotidiano, ela sonha acordada com o dia em que há de conhecer Júlio Iglesi.

Outros microcosmos físicos, de representação um tanto mais difusa, serão o hospital, o Lua Nova, o prédio onde é porteira a senhora Elégia.

Do lado de microcosmos psicológicos, também comparecem. Dão pelo nome de memória, de devaneio, de projecto. Podem também chamar-se com o nome de medo e de incompreensão.

Muitas memórias trazem, ao tempo de agora — ou dos tempos — da narrativa, a presença viva de épocas já passadas, hoje acontece com a professora, na sala de aula, quando se lembra de Dona Míriam, ou quando, evoca uma situação familiar cujo desenlace haveremos de conhecer no último capítulo.

Na pessoa da professora, aliás, a memória toma um sentido superior: será a memória da comunidade, pois ela é não lecciona outra matéria senão História.

Os planos

Enquanto a Dona Estrela devaneia (e se lembra, também, do marido, enquanto a professora revê o passado seu (e o do

Pais do mundo, nas aulas que dá, um outro grupo de pessoas projecta.

Há projectos muito ridículos, outros que o são menos: uma menina pensa em fugir de casa, um jovem pensa em casar-se. São ideias ainda vagas — uma delas se há de realizar. Outras ideias, planos, aparecem muito concretas. Não é que uma parte daquele grupo de adolescentes que vemos, nos capítulos em itálico, a braços com um exercício escolar, quer também fazer uma estação de rádio? Reunidos no bar da Dona Estrela discutem o empreendimento: e a palavra não é desaproprada, pois ali de angariar publicidade — e de imaginar os spots — se vão eles encarregando. Uma organização de tal modo bem organizada que até nome a rádio já tem: RDM, lê-se Rádio da Malta. Nem mais.

Não falta projecto de vida também ao proprietário do Lua Nova. Pode este projecto, não, logo se vê, interferir na vida de Dona Estrela. Que, em tratando, enquanto projecto, não é grande coisa: pares e que apenas quer realizar aquilo que o marido, agora já falecido, planeou. Ou talvez não seja bem assim...

Vão andando os planos — vão-se desenhando memórias e vão-se desenhando devaneios — que são os planos em projectos, em devaneios, em lembranças, em situações e de ficção. Quando aquelas «actividades» se fazem em conjunto — e o projecto da rádio pode considerar-se um devaneio conjunto, tal como as conversas de Dona Estrela sobre o devaneio mundo são memória partilhada — temos uma situação de comunicação.

Diga-se de passagem que os muitos isolamentos nunca são absolutos: porque quem se lembra sozinho se reencontra em outro tempo, reencontrando do mesmo passo outras pessoas, interferências num percurso individual de vida.

Em contrapartida, e contraleve, nem todas as paradas de projectos ou de sonhos, ou de medos, são comunicações plenas. Serão antes tentativas progressivas, em técnica de ensaio e erro, de como se há-de fazer para chegar ao outro.

Em torno dessas tentativas constrói Alice Vieira uma alga da teia de relações sociais, que são também relações profundamente afectivas. Algumas delas chegam, claras e definitivas, a final feliz. Outras ficam em suspenso. De umas e outras saberá o leitor quando ler. Com umas e outras se delatada o leitor, envolvendo emocionalmente como só nos envolvemos quando alguém nos conta, como deve ser, uma história.

Anexo E: Trechos originais e adaptados de *A Lua Não Está à Venda*

Original

Olhou para o relógio e disse:

— Têm exatamente duas horas para fazer o teste.

O barulho de tirar as canetas da pasta, cada qual a ajeitar-se o melhor possível naquelas carteiras onde alguns já cabem com dificuldade.

Lá fora, o frio disfarça-se na pele de um sol tímido. Quando saiu de casa, lembra-se de ter ouvido o locutor dizer que a temperatura não iria estar muito acima dos dois graus.

— *Vai bem agasalhado* — dissera para João, ainda a acordar nesse momento.

Nunca mais perde a mania de lhe dar conselhos.

A mania de ser mãe dele. Mesmo depois da conversa de ontem à noite.

Cheira a água-de-colônia, o quarto de João.

Agora a sala cheira a papéis velhos, a bafio, e à pele diferente de todos os que, sentados nas carteiras, olham para ela como se dela dependesse a vida ou a morte.

— *Duas horas, nem mais um minuto* — diz.

1

— Se Deus quisesse que eu trabalhasse mais tinha me dado quatro mãos. Só com duas, não posso fazer mais do que faço.

Isto dizia D. Estrela, quando algum freguês refilava por causa do tempo que a bica levava a chegar à sua mesa. Freguês decerto há pouco no bairro: os outros sabiam que, por mais que refilassem, os gestos de D. Estrela iriam continuar no ritmo de sempre.

Adaptado

Olhou para o relógio e disse:

— Têm exatamente duas horas para fazer a prova.

O barulho de tirar as canetas da pasta, cada qual a ajeitar-se o melhor possível naquelas carteiras onde alguns já cabem com dificuldade.

Lá fora, o frio disfarça-se na pele de um sol tímido. Quando saiu de casa, lembra-se de ter ouvido o locutor dizer que a temperatura não iria estar muito acima dos dois graus.

— *Vai bem agasalhado* — dissera para João, ainda a acordar nesse momento.

Nunca perde a mania de lhe dar conselhos.

A mania de ser mãe dele. Mesmo depois da conversa de ontem à noite.

Tem cheiro de água-de-colônia, o quarto de João.

Agora a sala tem cheiro de papéis velhos, de mofo, e de pele diferente de todos os que, sentados nas carteiras, olham para ela como se dela dependesse a vida ou a morte.

— *Duas horas, nem mais um minuto* — diz.

1

— Se Deus quisesse que eu trabalhasse mais tinha me dado quatro mãos. Só com duas, não posso fazer mais do que faço.

Isto dizia D. Estrela, quando algum freguês refilava por causa do tempo que o café levava a chegar à sua mesa. Freguês decerto há pouco no bairro: os outros sabiam que, por mais que refilassem, os gestos de D. Estrela iriam continuar no ritmo de sempre.

Original

A Lua Cheia abria as portas antes das sete da manhã, fosse **Inverno** fosse **Verão**. Porque — lá dizia o Sr. Mateus das ferragens — «desde que os americanos mandaram homens para a Lua, as estações do ano ficaram reduzidas a duas».

E o Sr. Mateus continuava sempre:

— Digam-me **lá** para onde foi o **Outono**, para onde foi a **Primavera**? Eu ainda sou do tempo em que as senhoras tinham **fatós** de meia-estação. Lembro-me bem de ir com a minha **Idalina-que-Deus-tem** aos Pinheiros comprar tecido para a **saia-e-casaco** de meia-estação. Meia-estação era o **Outono**. Quer dizer: ainda não havia muito frio e já não havia muito calor. Meia-estação era isso. Hoje é o que se vê: passa-se de um dia de trinta graus à sombra para um dia de chuva e frio. **Verão** e **Inverno**. Nada mais. Primavera e **Outono** são palavras em vias de extinção. Qualquer dia, as crianças já nem sabem o que é que elas querem dizer, e têm de ir procurar ao dicionário.

E o Sr. Mateus remata sempre da mesma maneira:

— Estranha ciência a da meteorologia, estranha ciência!

O Sr. Mateus, **para lá** de saber tudo sobre chaves e fechaduras, gaba-se de entender mais do tempo do que os homens e mulheres que dele falam na rádio, na televisão e nos jornais. Não há anticiclone dos Açores que lhe escape, não há depressão a norte do sistema Montejunto-Estrela que ele não preveja. Uma vez até a dona do Dragão de Jade lhe estendeu a mão, **convencida que** ele era adivinho **e seria** capaz de a preparar para o futuro.

Adaptado

A Lua Cheia abria as portas antes das sete da manhã, fosse **inverno** fosse **verão**. Porque — lá dizia o Sr. Mateus das ferragens — “desde que os americanos mandaram homens para a Lua, as estações do ano ficaram reduzidas a duas”.

E o Sr. Mateus continuava sempre:

— **Digam-me** para onde foi o **outono**, para onde foi a **primavera**? Eu ainda sou do tempo em que as senhoras tinham **roupas** de meia-estação. Lembro-me bem de ir com a minha **Idalina-que-Deus-a-tenha** aos Pinheiros comprar tecido para a **saia e o casaco** de meia-estação. Meia-estação era o **outono**. Quer dizer: ainda não havia muito frio e já não havia muito calor. Meia-estação era isso. Hoje é o que se vê: passa-se de um dia de trinta graus à sombra para um dia de chuva e frio. **Verão** e **inverno**. Nada mais. Primavera e **outono** são palavras em vias de extinção. Qualquer dia, as crianças já nem sabem o que é que elas querem dizer, e têm de ir procurar ao dicionário.

E o Sr. Mateus remata sempre da mesma maneira:

— Estranha ciência a da meteorologia, estranha ciência!

O Sr. Mateus, **além** de saber tudo sobre chaves e fechaduras, gaba-se de entender mais do tempo do que os homens e mulheres que dele falam na rádio, na televisão e nos jornais. Não há anticiclone dos Açores que lhe escape, não há depressão a norte do sistema Montejunto-Estrela que ele não preveja. Uma vez até a dona do Dragão de Jade lhe estendeu a mão, **convencida de que** ele era adivinho **e que seria** capaz de a preparar para o futuro.

Original

— Julga que está nas arcadas do Leal Senado? — exclamara então o Sr. Mateus, meio ofendido. O Sr. Mateus fizera a tropa em Macau, e nunca perdia ocasião de dar mostras dos seus conhecimentos orientais.

— Lá é que estão os adivinhos. Mas a meteorologia não é coisa para adivinhos, mas sim para cientistas.

— Cá por mim guio-me pelos meus calos — murmura nessa altura D. Estrela, que, no que diz respeito a questões de tempo, não acredita muito na ciência.

O Sr. Mateus é cliente diário da Lua Cheia. Quando por lá abanca já as nove passaram há um bom bocado, que primeiro é preciso abrir a loja, ver se há trocós na caixa registadora, esperar que o Alberto chegue, dar-lhe as primeiras instruções, e só depois se pode começar a pensar na bica. E a demora nunca é grande, que a freguesia pode crescer e o Alberto ainda não dá bem conta do recado sozinho, baralha-se nas contas, encrava a máquina registadora, troca as ferramentas que os clientes pedem, não distingue uma chave-inglesa de uma chave de porcas.

Para além disso, a meio da manhã há nova ida ao café, dessa vez para um chazinho de limão. O Alberto até costuma dizer:

— Lá vai a excursão das onze.

Desde as sete da manhã que D. Estrela atende a freguesia.

Dantes, ainda o Casimiro era vivo, bastava abrir a porta lá pelas oito horas. Aquilo era bairro de gente antiga, ninguém saía de casa antes dessa hora. Mas depois, quando deitaram abaixo a moradia da frente e em seu lugar apareceu um hospital de dez andares, tudo se modificou. D. Estrela encheu-se de piedade pelas «pobrezinhas das enfermeiras» que

Adaptado

— Julga que está nas arcadas do Leal Senado? — exclamara então o Sr. Mateus, meio ofendido. O Sr. Mateus serviu ao exército em Macau, e nunca perdia a ocasião de mostrar seus conhecimentos orientais.

— Lá é que estão os adivinhos. Mas a meteorologia não é coisa para adivinhos, mas sim para cientistas.

— Já eu me guio pelos meus calos — murmura nessa altura D. Estrela, que, no que diz respeito a questões de tempo, não acredita muito na ciência.

O Sr. Mateus é cliente diário da Lua Cheia. Quando por lá abanca já as nove passaram há um bom tempo, que primeiro é preciso abrir a loja, ver se há troco na caixa registradora, esperar que o Alberto chegue, dar-lhe as primeiras instruções, e só depois se pode começar a pensar no café. E a demora nunca é grande, que a freguesia pode crescer e o Alberto ainda não dá bem conta do recado sozinho, enrola-se nas contas, quebra a máquina registradora, troca as ferramentas que os clientes pedem, não distingue uma chave-inglesa de uma chave de fenda.

Para além disso, no meio da manhã há nova ida ao café, dessa vez para um chazinho de limão. O Alberto até costuma dizer:

— Lá vai a excursão das onze.

Desde as sete da manhã que D. Estrela atende a freguesia.

Antigamente, ainda o Casimiro era vivo, bastava abrir a porta lá pelas oito horas. Aquilo era bairro de gente antiga, ninguém saía de casa antes dessa hora. Mas depois, quando demoliram a moradia da frente e em seu lugar apareceu um hospital de dez andares, tudo se modificou. D. Estrela encheu-se de piedade pelas «pobrezinhas das enfermeiras» que

Original

vinham de tão longe e muitas até ficavam pela noite fora de serviço. Então para atender às suas protegidas passou a abrir mais cedo, e mandou instalar um telefone público, ali à disposição para qualquer emergência.

Às vezes D. Estrela olha para o telefone, para o quadro de tabelas e códigos internacionais, e pensa que um dia ainda se há-de aventurar a falar através dele para o Júlio Iglésias. Talvez à noite. Fecha a porta do café, empilha as cadeiras em cima das mesas, passa o chão a pano e pronto, em tranquilidade poderá finalmente ouvir-lhe a voz.

O pior é que não sabe o número de telefone. Mas isso não deve ser impedimento. Bastará marcar o «099» e logo lhe darão a informação em segundos. Pessoas famosas devem ter listas telefônicas só para elas, não podem andar misturadas com todos os Silvas, Smiths, Lenoirs e McDonalds deste mundo.

No atendimento dos clientes a prioridade das prioridades era sempre para as «pobrezinhas das enfermeiras». D. Estrela desfazia-se em carinhos e mimos, conhecia-as pelo nome, sabia as semanas em que cada uma ficava de piquete pela noite fora.

Os outros que esperassem.

Mesmo o Sr. Fernandes, que tinha sempre «uma missão» a cumprir, para lá de ter de abrir a farmácia a horas certas.

Que ela não tinha quatro mãos, nem era criada de ninguém.

Adaptado

vinham de tão longe e muitas até ficavam pela noite fora de serviço. Então para atender às suas protegidas passou a abrir mais cedo, e mandou instalar um telefone público, ali à disposição para qualquer emergência.

Às vezes D. Estrela olha para o telefone, para o quadro de tabelas e códigos internacionais, e pensa que um dia ainda vai se aventurar a falar através dele para o Julio Iglesias. Talvez à noite. Fecha a porta do café, empilha as cadeiras em cima das mesas, passa o pano no chão e pronto, em tranquilidade poderá finalmente ouvir-lhe a voz.

O pior é que não sabe o número de telefone. Mas isso não deve ser impedimento. Bastará marcar o «099» e logo a telefonista dará a informação em segundos. Pessoas famosas devem ter listas telefônicas só para elas, não podem andar misturadas com todos os Silvas, Smiths, Lenoirs e McDonalds deste mundo.

No atendimento dos clientes a prioridade das prioridades era sempre para as «pobrezinhas das enfermeiras». D. Estrela desfazia-se em carinhos e mimos, conhecia-as pelo nome, sabia as semanas em que cada uma ficava de plantão pela noite fora.

Os outros que esperassem.

Mesmo o Sr. Fernandes, que tinha sempre «uma missão» a cumprir, para lá de ter de abrir a farmácia pontualmente.

Que ela não tinha quatro mãos nem era criada de ninguém.

Original

2

Nessa manhã o Sr. Fernandes fora mais uma vez chamado de urgência ao Terceiro-Esquerdo do Onze. Quando de lá voltou davam as sete e meia, era cedo ainda para abrir a porta da farmácia, e apeteceu-lhe o consolo matinal de uma bica tirada a preceito.

— Acabei agora mesmo de servir as meninas, coitadinhas — disse D. Estrela. — A Carla até tinha os olhos inchados de sono. E a Guida levava um risco preto pela bochecha abaixo, do rímel todo esborratado. É a vida. O Sr. Fernandes vai ter de esperar. Tenho de moer mais café.

— Deixe lá então a bica e arranje-me uma torrada, mas com pouca manteiga por causa do meu colesterol.

— Acabou-se o pão.

— Pode ser pão de ontem. Na torrada não se nota — disse o Sr. Fernandes, que tinha boa boca e muita fome.

— Esse é que se acabou, nas torradas para as meninas. O outro ainda não veio. Há-de trazê-lo o Zé. É o que lhe digo: vai ter de esperar.

— Não sobrou nada de ontem que se possa trincar? — insistia o Sr. Fernandes.

— Sobras é ali com o Xavier da Nova... — disse D. Estrela, aproveitando para limpar o vidro do balcão frigorífico, onde se perfilavam os iogurtes, as manteigas, os queijos e as margarinas. Ao mesmo tempo que fazia coró com a telefonia: «*Eu tenho dois amores/ que em nada são iguais...*».

Adaptado

2

Nessa manhã o Sr. Fernandes fora mais uma vez chamado de urgência ao Terceiro-Esquerdo do Onze. Quando de lá voltou davam as sete e meia, era cedo ainda para abrir a porta da farmácia, e deu vontade do consolo matinal de café feito com rigor.

— Acabei agora mesmo de servir as meninas, coitadinhas — disse D. Estrela. — A Carla até tinha os olhos inchados de sono. E a Guida levava um risco preto pela bochecha abaixo, do rímel todo borrado. É a vida. O Sr. Fernandes vai ter de esperar. Tenho de moer mais café.

— Deixe pra lá então o café e me arranje uma torrada, mas com pouca manteiga por causa do meu colesterol.

— Acabou-se o pão.

— Pode ser pão de ontem. Na torrada não se nota — disse o Sr. Fernandes, que tinha boa boca e muita fome.

— Esse é que se acabou, nas torradas para as meninas. O outro ainda não veio. O Zé vai trazê-lo. É o que lhe digo: vai ter de esperar.

— Não sobrou nada de ontem que se possa enganar o estômago? — insistia o Sr. Fernandes.

— Sobras é ali com o Xavier da Nova... — disse D. Estrela, aproveitando para limpar o vidro do balcão, onde se alinham os iogurtes, as manteigas, os queijos e as margarinas. Ao mesmo tempo que fazia coró com a rádio: «*Eu tenho dois amores/ que em nada são iguais...*».

Original

— Então não há mesmo nada que se coma? — tornava a insistir o Sr. Fernandes, tentando abrandar a sua fome e a fúria de cantorias que, logo pela manhã, costumava atacar D. Estrela.

— Quer um iogurte?

O Sr. Fernandes torceu o nariz. Às sete e meia da manhã, com o frio que fazia lá por fora e depois daquele tempo todo à cabeceira do Velho, apetecia-lhe uma coisa quentinha.

— Porque é que o Sr. Fernandes não tomou o seu pequeno-almoço em casa? As meninas aqui do hospital é que são umas desgraçadinhas, moram lá nos quintos dos infernos, saem a desoras, têm de ir um pouco mais confortadas para casa. Olhe que a Xana mora nos Olivais Sul! Já viu o tempo que ela leva para chegar a casa? Ele há vidas muito complicadas, santo Deus! Agora o senhor, aqui a dois passos... Dá Deus nozes a quem não tem dentes!

— O Velho do Onze teve outra crise esta madrugada. Ainda não eram cinco da manhã já eu lá estava.

— Escolheu essa vida, não se queixe — disse D. Estrela, esfregando agora o tampo das mesas.

O Sr. Fernandes ia responder que, por essa ordem de ideias, a Xana que morava nos Olivais Sul, e a Carla de olhos inchados de sono, e a Guida de rímel a cair pela cara abaixo também tinham escolhido aquela vida, mas achou por bem calar-se. Disse apenas:

— Não me estou a queixar. A senhora sabe muito bem como eu gosto da minha profissão. Nesta profissão, quem não tem espírito de missão está perdido. E isso, graças a Deus, não me falta.

Adaptado

— Então não há mesmo nada para se comer? — voltava a insistir o Sr. Fernandes, tentando abrandar a sua fome e a fúria de cantorias que, logo pela manhã, costumava atacar D. Estrela.

— Quer um iogurte?

O Sr. Fernandes torceu o nariz. Às sete e meia da manhã, com o frio que fazia lá fora e depois daquele tempo todo à cabeceira do Velho, tinha vontade de uma coisa quentinha.

— Por que é que o Sr. Fernandes não tomou o seu café da manhã na sua casa? As meninas aqui do hospital é que são umas desgraçadinhas, moram lá nos quintos dos infernos, saem de madrugada, têm de ir um pouco mais confortadas para casa. Olhe que a Nana mora nos Olivais Sul! Já viu o tempo que ela leva para chegar em casa? Há vidas muito complicadas, santo Deus! Agora o senhor, aqui a dois passos... Dá Deus nozes a quem não tem dentes!

— O Velho do Onze teve outra crise esta madrugada. Ainda não eram cinco da manhã eu já estava lá.

— Escolheu essa vida, não reclame — disse D. Estrela, esfregando agora o tampo das mesas.

O Sr. Fernandes ia responder que, por essa ordem de ideias, a Nana que morava nos Olivais Sul, a Carla de olhos inchados de sono e a Guida de rímel caindo pelo rosto também tinham escolhido aquela vida, mas achou melhor ficar quieto. Disse apenas:

— Não estou reclamando. A senhora sabe muito bem como eu gosto da minha profissão. Nesta profissão, quem não tem espírito de missão está perdido. E isso, graças a Deus, não me falta.

Original

— Falta-lhe é o pequeno-almoco, já sei — resmungou D. Estrela, cantarolando: — “*e nem tenho a certeza/ de qual eu gosto mais*”.

— Por acaso uma torradita ia agora, isso ia...

— Ia, se o pão já cá estivesse. Mas como não está... «*e nem tenho a certeza/ de qual eu gosto mais*»... Espere um bocadinho que o Zé já não tarda... Não tenha pressa, que não ganha nada com isso... «*Uma é loira outra é morena*»... Ainda me hão-de explicar para que servem tantas pressas, as pessoas sempre a correr... «*e nem tenho a certeza/ de qual eu gosto mais*»... As coisas querem-se no tempo certo. Olhe ali a D. Carlota, esfalfa-se o marido, esfalfa-se ela...

— A D. Carlota esfacelou o quê? — perguntou o Sr. Fernandes sobressaltado, já pronto a entrar em acção.

— Mas quem é que falou em esfacelar alguma coisa?

— Percebi...

— Estou a ver que a fome já está a atacar os ouvidos. Ou então são as pressas que o senhor anda sempre...

— Chamam-nos, temos de correr. É a nossa missão — disse o Sr. Fernandes, muito solene.

— Pronto, está bem, o senhor é um caso diferente, como os médicos aqui do hospital, por exemplo. Mas eu estou a falar de pessoas normais. A D. Carlota, por exemplo... «*Morena/ ó morenita*»... Passa o tempo todo a limpar a casa, a aspirar a casa, a lavar as cortinas da casa, a sacudir os tapetes da casa, a fazer colchas para a casa, a casa é tudo para aquela mulher que nem à rua vem, e afinal para quê? Anda toda mirrada, toda chupada. Tenho cá a impressão que não vai durar muito...

Adaptado

— Falta-lhe é o café da manhã, já sei — resmungou D. Estrela, cantarolando: — “*e nem tenho a certeza/ de qual eu gosto mais*”.

— Por acaso uma torradinha ia bem agora, isso ia...

— Ia, se o pão já estivesse aqui. Mas como não está... «*e nem tenho a certeza/ de qual eu gosto mais*»... Espere um pouquinho que o Zé não demora... Não tenha pressa, que não ganha nada com isso... «*Uma é loira outra é morena*»... Ainda vão me explicar para que serve tanta pressa, as pessoas sempre correndo... «*e nem tenho a certeza/ de qual eu gosto mais*»... Querem as coisas no tempo certo. Olhe ali a D. Carlota, cansa o marido, se cansa...

— A D. Carlota cancelou o quê? — perguntou o Sr. Fernandes sobressaltado, já pronto para entrar em acção.

— Mas quem é que falou em cancelar alguma coisa?

— Percebi...

— Estou vendo que a fome já está atacando os seus ouvidos. Ou então é a pressa que o senhor sempre tem...

— Chamam-nos, temos de correr. É a nossa missão — disse o Sr. Fernandes, muito solene.

— Pronto, está bem, o senhor é um caso diferente, como os médicos aqui do hospital, por exemplo. Mas eu estou falando de pessoas normais. A D. Carlota, por exemplo... «*Morena/ ó morenita*»... Passa o tempo todo limpando a casa, aspirando a casa, lavando as cortinas da casa, sacudindo os tapetes da casa, fazendo colchas para a casa, a casa é tudo para aquela mulher que nem vem à rua, e afinal para quê? Anda toda mirrada, toda chupada. Pra mim, tenho a impressão de que não vai durar muito...

Original

— Pois olhe que se ela está doente, a mim nunca me chamou nem para uma injeção, e se toma medicamentos não é à minha farmácia que os vai buscar — disse o Sr. Fernandes, que, pelo menos ali no bairro, não admitia a concorrência, era só o que faltava.

Quando o hospital abriu as suas portas, ele ficara contente: agora é que a farmácia ia finalmente passar da cepa torta das aspirinas, do mercurocromo, dos pensos rápidos, das vitaminas ou do leite em pó. Agora é que a farmácia ia finalmente vender remédios de nomes complicados para curar doenças ainda mais complicadas. Mas depois, passada essa ligeira euforia, o Sr. Fernandes até tremera ao pensar nos fregueses que também iria perder na sua arte de dar injeções, medir a tensão arterial, fazer pensos de feridas que dificilmente cicatrizavam. Chegou mesmo a pensar que o Velho do Onze iria mudar-se para lá de armas e bagagens. Mas logo os seus medos se evaporaram: aquele hospital era pertença de muitos sócios, e nenhum deles nascera com vocação de benfeitor da humanidade. Quando o primeiro infeliz do bairro se lembrou de entrar um dia, esvaído em sangue, pela porta das Urgências, o preço que no final teve de pagar quase o ia matando do coração, depois de lá dentro o terem curado da cabeça partida.

Quando isso se soube na Lua Cheia, o Sr. Fernandes respirou fundo.

— Tudo às pressas, tudo às pressas... — continuava D. Estrela — e afinal para quê, sim, para quê?... O Casimiro também andava sempre apressado, lembra-se?... Ganhou muito com isso... Eu cá é que nem para apanhar o autocarro hei-de correr...

Adaptado

— Se ela está doente, nunca me chamou nem para uma injeção, e se toma medicamentos não é à minha farmácia que os vai buscar — disse o Sr. Fernandes, que, pelo menos ali no bairro, não admitia a concorrência, era só o que faltava.

Quando o hospital abriu as suas portas, ele ficara contente: agora é que a farmácia finalmente ia progredir das aspirinas, do antisséptico, dos curativos rápidos, das vitaminas ou do leite em pó. Agora é que a farmácia finalmente ia vender remédios de nomes complicados para curar doenças ainda mais complicadas. Mas depois, passada essa ligeira euforia, o Sr. Fernandes até tremera ao pensar nos clientes que também iria perder na sua arte de dar injeções, medir a pressão arterial, fazer curativos de feridas que dificilmente cicatrizariam. Chegou mesmo a pensar que o Velho do Onze iria mudar-se para lá de armas e bagagens. Mas logo os seus medos se evaporaram: aquele hospital era propriedade de muitos sócios, e nenhum deles nascera com vocação de benfeitor da humanidade. Quando o primeiro infeliz do bairro se lembrou de entrar um dia, esvaído em sangue, pela porta do pronto-socorro, o preço que no final teve de pagar quase o ia matando do coração, depois de lá dentro o terem curado da cabeça quebrada.

Quando isso se soube na Lua Cheia, o Sr. Fernandes respirou fundo.

— Tudo às pressas, tudo às pressas... — continuava D. Estrela — e afinal para quê, sim, para quê?... O Casimiro também andava sempre apressado, lembra-se?... Ganhou muito com isso... Eu é que nem para pegar o ônibus vou correr...